



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
Departamento de Educação – *Campus X* – Teixeira de Freitas
Colegiado do Curso de História

HUGO ALVES BARBOSA

**ENTRE A FÉ E A HISTÓRIA: A PARTICIPAÇÃO FEMININA NA EXPANSÃO
PROTESTANTE EM TEIXEIRA DE FREITAS (1960–1970)**

**TEIXEIRA DE FREITAS
2025**

HUGO ALVES BARBOSA

ENTRE A FÉ E A HISTÓRIA: A PARTICIPAÇÃO FEMININA NA EXPANSÃO
PROTESTANTE EM TEIXEIRA DE FREITAS (1960–1970)

Monografia apresentada ao Curso de História do Departamento de Educação, *Campus X*, da Universidade do Estado da Bahia, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciado em História.

Orientadora: Prof. Me. Tamires Santos Pereira

TEIXEIRA DE FREITAS
2025

Monografia apresentada ao Curso de História do Departamento de Educação, *Campus X*, da Universidade do Estado da Bahia, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciado em História.

Aprovada em ____ de _____ de 2025.

COMISSÃO EXAMINADORA:

Profa. Me. Tamires Santos Pereira
Universidade do Estado da Bahia

Profa. Me. Guilhermina Elisa Bessa da Costa
Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Benedito de Souza Santos
Universidade do Estado da Bahia

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo dar visibilidade à participação feminina no processo de constituição da religião protestante na cidade de Teixeira de Freitas, Bahia. A pesquisa está estruturada em dois capítulos. O primeiro apresenta uma breve contextualização histórica da Reforma Protestante, do surgimento do protestantismo e da atuação das mulheres desde a gênese desse movimento religioso. O segundo capítulo analisa especificamente o papel desempenhado pelas mulheres na inserção e consolidação das igrejas protestantes no município de Teixeira de Freitas.

Palavras-chave: Protestantismo; Participação feminina; Reforma religiosa; Teixeira de Freitas; História das igrejas.

ABSTRACT

This study aims to highlight the role of women in the establishment of the Protestant religion in the city of Teixeira de Freitas, Bahia. The research is structured into two chapters. The first provides a brief historical overview of the Protestant Reformation, the emergence of Protestantism, and the involvement of women since the origins of the movement. The second chapter specifically analyzes the role played by women in the introduction and consolidation of Protestant churches in the municipality of Teixeira de Freitas.

Keywords: Protestantism; Female participation; Religious Reformation; Teixeira de Freitas; Church history.

AGRADECIMENTOS

Soli Deo Gloria. Gratidão a Deus, a quem tenho crido, e por Ele sido sustentado; física, emocional e espiritualmente em toda essa longa trajetória acadêmica.

Gratidão às mulheres da minha vida. A minha esposa Taiz, por ser sempre uma adjutora tão compreensiva e parceira, a minha filha Hope, por ser um sopro de esperança quando a decisão era parar, e a minha mãe Vanilza por ser um exemplo de determinação frente aos desafios de ser uma mãe solo. Se sou o que sou, e se cheguei até aqui foi por ser impulsionado por elas.

Gratidão aos companheiros da caminhada acadêmica. Cada colega que contribuiu com a minha construção enquanto professor e historiador; nos seminários, pesquisas, estágios e afins. Dentre eles gratidão especial ao meu amigo Adriel, um parceiro, incentivador e colaborador frente os desafios acadêmicos.

Gratidão a toda PIBATEF, na pessoa do Pr. Aquiles Pablo, por sido tão solícito quanto às demandas da construção deste trabalho, no acesso aos espaços e pessoas que tornaram essa pesquisa possível.

Gratidão a Universidade do Estado da Bahia, seu corpo administrativo, técnico e docente por proporcionar a um jovem da periferia teixeirense a oportunidade de acessar uma universidade pública e de qualidade. Gratidão também a professora mestre Tamires Santos Pereira por aceitar orientar este trabalho.

Por fim, gratidão a todas às mulheres que se fizeram ouvidas no construto deste ensaio, em especial a querida Irmã Bisa por nos acolher com tanto carinho e compartilhar conosco suas memórias, permitindo a realização dessa pesquisa

“Que as vozes femininas prossigam ecoando, transmitindo palavras abençoadoras, em livros inspirativos, em mensagens edificantes ou em serviço compassivo. Enfim, que possam exercer livremente em suas igrejas os dons concedidos por Deus, o galardoador, capacitador e Senhor da vida.”

Rute Salviano Almeida

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 Capa do livro Frida Vingren.....	30
Figura 2. Convenção Geral de 1930	32
Figura 3. “Irmã Bisa” no quintal da sua residência.	38
Figura 4. Mural comemorativo 50 anos da PIBATEF	45

LISTA DE ABREVIATURAS

AD	Assembleia de Deus
CBB	Convenção Batista Brasileira
CPAD	Casa Publicadora das Assembleias de Deus
ICAR	Igreja Católica Apostólica Romana
JMM	Junta de Missões Mundiais
JMN	Junta de Missões Nacionais
PIBATEF	Primeira Igreja Batista Teixeira de Freitas
PIBID	Programa de Iniciação a Docência
RP	Residência Pedagógica
UNEB	Universidade do Estado da Bahia

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1. CAMINHOS DO PROTESTANTISMO: UMA INTRODUÇÃO HISTÓRICA.....	16
1.1 Entre o Sagrado e o Científico: A Religião na Produção Histórica	16
1.2 Reforma e Contrarreforma: Transformações Religiosas na Europa Moderna.....	19
1.3 A Caminhada do Protestantismo no Brasil	23
1.4 O Protestantismo Na Bahia: A Presença Batista.....	26
1.5 A Atuação das Mulheres no Protestantismo Brasileiro.....	28
CAPÍTULO 2. PROTAGONISMO FEMININO NO PROTESTANTISMO TEIXEIRENSE: MEMÓRIA, RESISTÊNCIA E FÉ.....	36
2.1 A Voz como Fonte: A História Oral na Pesquisa Histórica	36
2.2 A Primeira Igreja Batista e o Lugar da Mulher na Comunidade.....	38
2.3 Memória, Fé e Legado Feminino.....	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS	49
ANEXO.....	52
ANEXO A – Entrevista Lelita Rodrigues Almeida (Irmã Bisa)	52
ANEXO B – Transcrição do Quadro Memorial Cinquentenário PIBATEF	80

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa se insere no campo da História Social, nos estudos sobre religião em diálogo com a História das Mulheres, e tem como objetivo analisar a participação feminina no processo de estabelecimento das denominações protestantes na cidade de Teixeira de Freitas, Bahia, entre os anos de 1960 e 1970. Propõe-se a estudar os aspectos socio-históricos da chegada e consolidação das igrejas protestantes no município durante esse período. Mais especificamente, a proposta consiste em examinar o papel das mulheres no contexto de abertura e fortalecimento dessas igrejas. O recorte temporal é de extrema relevância para a compreensão e análise da temática abordada, pois corresponde à década em que chegaram os primeiros imigrantes evangélicos ao pequeno povoado que mais tarde se tornaria a cidade de Teixeira de Freitas.

Ao longo dos anos, o quadro religioso brasileiro tem passado por constantes transformações, como confirma o censo religioso mais recente do IBGE, realizado em 2022¹. Algumas dessas mudanças vêm se acentuando ao longo dos registros históricos, sendo duas delas especialmente expressivas.

A primeira é a diminuição da população católica, que tem apresentado queda progressiva: de 99,7% da população em 1872, ano do primeiro censo, para 56,7% em 2022. Esse dado revela que, em uma janela de 150 anos, a proporção de católicos no Brasil caiu 43 pontos percentuais em relação à população total do país. Em contrapartida, observa-se o crescimento contínuo da população evangélica brasileira. O último censo aponta que os evangélicos já representam 26,9% da população, um aumento de 5,2 pontos percentuais em relação ao censo anterior de 2010, quando esse grupo correspondia a 21,6%.

Sendo assim, o crescimento das igrejas evangélicas se consolida como um fenômeno religioso expressivo na sociedade brasileira. Nos últimos anos, esse crescimento tem configurado um cenário complexo e multifacetado, com implicações em diversas esferas da vida social. Como observa Ricardo Mariano, o avanço do pentecostalismo no Brasil representa uma “revolução silenciosa” no campo religioso, marcada por uma expansão acelerada, estratégias de evangelização agressivas e forte presença midiática.

¹https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/3f1708b5d315aca50d5a7d8764469c45.pdf

A cidade de Teixeira de Freitas, com uma população de 145.216 habitantes, não se exclui desse panorama nacional. Ao longo dos anos, tem sido reconhecida como uma cidade com uma população evangélica de proporções consideráveis. O último Censo do IBGE, realizado em 2022², aponta o seguinte quadro religioso: Católica Apostólica Romana: 54.470 (43,72%); Evangélicas: 45.406 (36,44%); Espírita: 667 (0,54%); Umbanda e Candomblé: 573 (0,46%); Tradições Indígenas: 24 (0,02%); Outras religiosidades: 6.115 (4,91%); e Sem religião: 17.137 (13,75%).

Os dados apresentados mostram, por exemplo, que a população evangélica da cidade baiana supera em 9,54% a média nacional. Esse crescimento local reflete uma tendência nacional que, segundo Antônio Flávio Pierucci, está relacionada à “dessacralização do campo religioso tradicional” e à emergência de novas formas de religiosidade mais pragmáticas e voltadas para o cotidiano. Ari Pedro Oro também destaca que o pentecostalismo, especialmente em sua vertente neopentecostal, tem se mostrado altamente adaptável às transformações sociais e urbanas, oferecendo respostas rápidas às demandas espirituais e materiais da população

Com o fim de alcançar os objetivos propostos, nos detemos a pesquisar as igrejas batistas na cidade de Teixeira de Freitas, dando ênfase a PIBATEF- Primeira Igreja Batista de Teixeira de Freitas, que se constitui a primeira igreja de vertente batista, e uma das primeiras de linha protestante a se estabelecer na cidade.

Com o objetivo de alcançar as metas propostas nesta pesquisa, optamos por investigar as igrejas batistas na cidade de Teixeira de Freitas, com ênfase na Primeira Igreja Batista de Teixeira de Freitas (PIBATEF), considerada a primeira igreja de vertente batista e uma das pioneiras do protestantismo a se estabelecer no município.

O interesse por essa temática surgiu antes mesmo do meu ingresso no curso de Licenciatura em História, no Campus X da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Desde então, manifestei o desejo de conhecer melhor a história da fundação e do estabelecimento da minha comunidade de fé.

Com o passar do tempo, minha compreensão sobre o campo de pesquisa foi se ampliando. Assim, propus-me a investigar não apenas a trajetória da minha comunidade religiosa, mas também a fundação e consolidação das igrejas protestantes na cidade como um todo. Essa ampliação de perspectiva permitiu-me

² <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/indicadores.html?localidade=2931350&tema=10>

perceber as nuances desse campo e as peculiaridades de um grupo extremamente relevante, mas frequentemente invisibilizado nas instituições religiosas: as mulheres.

Como destaca Magali do Nascimento Cunha, “a presença feminina nas igrejas evangélicas é numericamente expressiva, mas sua atuação é frequentemente limitada por estruturas patriarcais que restringem sua participação nos espaços de decisão e liderança”. A autora ressalta ainda que, apesar dessas limitações, as mulheres evangélicas têm desempenhado papéis fundamentais na sustentação das comunidades de fé, especialmente por meio de atividades de cuidado, ensino e mobilização social.

No meio evangélico, há, de modo geral, a compreensão de que a participação feminina é crucial para a organização e o funcionamento das instituições religiosas. Uma igreja, para o êxito de seu projeto pastoral e comunitário, depende da atuação ativa das mulheres nas mais diversas áreas de engajamento.

Ainda que essa percepção inicial pareça positiva, observa-se que, muitas vezes, as mulheres não são devidamente reconhecidas por seu trabalho nas igrejas, sobretudo quando se trata da ocupação de cargos de liderança administrativa e eclesiástica. Do ponto de vista da história dessas comunidades — ou, ao menos, da forma como essas histórias são tradicionalmente narradas —, a atuação feminina também tende a ser invisibilizada, mesmo quando sua participação nos processos de implantação e consolidação das igrejas é ativa e intensa.

Diante dessa lacuna na historiografia do protestantismo em Teixeira de Freitas, torna-se pertinente uma abordagem que considere a presença das mulheres como elemento fundamental, embora frequentemente silenciado, no contexto do protestantismo brasileiro. Como aponta Magali do Nascimento Cunha, “as mulheres evangélicas são maioria nas igrejas, mas sua presença ainda é marcada por uma lógica de subalternidade, que as mantém à margem dos espaços de poder e decisão” (Cunha, 2013, p. 45). A autora destaca que, apesar disso, essas mulheres constroem redes de solidariedade e resistência, atuando de forma significativa na vida comunitária e no espaço público.

Dessa forma, esta pesquisa busca contribuir para o desenvolvimento de uma percepção social mais atenta, realista e humanizada sobre a atuação das mulheres, independentemente do setor da sociedade em que estejam inseridas.

Ainda refletindo sobre os fatores acadêmicos determinantes para a delimitação desta pesquisa, é importante destacar os estudos realizados na disciplina de Laboratório de Ensino de História. A partir da noção de alteridade, desenvolvi um olhar mais sensível e crítico sobre o outro, o que me permitiu perceber um processo de invisibilização da participação feminina nas esferas de poder das igrejas protestantes.

A vivência no ambiente escolar, proporcionada pelo Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) e pela Residência Pedagógica (RP), também contribuiu significativamente para a construção deste trabalho. Durante essas experiências, constatei a presença expressiva de estudantes protestantes nas escolas de ensino básico, muitas vezes sem acesso a informações que lhes permitam compreender os aspectos histórico-sociais relacionados ao estabelecimento das igrejas protestantes em Teixeira de Freitas, Bahia.

Protestantismo como movimento religioso e social, tendo como figura central Martinho Lutero. No início do século XVI, Lutero protagonizou uma ruptura com a Igreja Católica ao criticar suas práticas e defender o retorno às Escrituras como autoridade máxima da fé cristã. Sua ação desencadeou a Reforma Protestante em 1517, marcando o surgimento de novas denominações cristãs e o início de uma profunda transformação no campo religioso europeu, cujos desdobramentos alcançariam posteriormente outras regiões do mundo, inclusive o Brasil.

Embora o movimento reformista tenha promovido certa democratização da fé, ao enfatizar a leitura individual da Bíblia e o sacerdócio universal dos crentes, ele não rompeu com as estruturas patriarcais predominantes na sociedade europeia da época. Assim, mesmo nos espaços reformados, a participação feminina continuou sendo limitada, especialmente nos cargos de liderança e formulação teológica. Contudo, a presença e atuação das mulheres nas comunidades protestantes sempre foram fundamentais para a sustentação e expansão dessas igrejas, realidade que se mantém e se intensifica ao longo da história do protestantismo, sob uma perspectiva mais regional, observa-se o contexto de Teixeira de Freitas. Ao retomar esse percurso, esta pesquisa propõe-se, com respeito, impulsionar as vozes femininas em uma narrativa histórica frequentemente silenciada, reafirmando sua importância desde os primórdios do movimento até suas expressões mais recentes.

Por fim, esta pesquisa poderá contribuir para o fortalecimento do processo indenitário de diversos grupos, indivíduos e instituições que compõem o protestantismo local, promovendo, em certa medida, um senso de pertencimento e de conscientização histórica. Além disso, poderá se constituir como uma ferramenta relevante para os profissionais da educação, ao oferecer subsídios para a abordagem de uma historiografia local que contemple temas transversais e promova uma educação mais inclusiva e contextualizada.

CAPÍTULO 1. CAMINHOS DO PROTESTANTISMO: UMA INTRODUÇÃO HISTÓRICA

Este capítulo tem como objetivo apresentar um panorama introdutório sobre o protestantismo, com ênfase em sua trajetória histórica e nas formas como tem sido abordado pela historiografia. Para isso, parte-se de uma reflexão sobre o lugar da religião como objeto de estudo nas ciências humanas, especialmente na História, destacando a importância de compreender os fenômenos religiosos como construções sociais e culturais que se transformam ao longo do tempo.

A análise considera, ainda, o papel do cristianismo como uma religião historicamente situada, cuja relação com a narrativa histórica é constitutiva. A partir dessa perspectiva, busca-se compreender como o protestantismo se insere nesse processo, desde suas origens até sua consolidação em diferentes contextos, incluindo o cenário brasileiro e, mais especificamente, a cidade de Teixeira de Freitas.

1.1 Entre o Sagrado e o Científico: A Religião na Produção Histórica

Como aspecto introdutório e interpretativo deste trabalho, faz-se necessário refletir sobre o espaço que a religião ocupa na historiografia. Para tanto, é importante destacar a relação entre o cristianismo e a própria historiografia enquanto ciência social, considerando que o cristianismo se constitui como uma religião histórica. Como afirma o professor e pesquisador João Godoy, “as relações entre cristianismo e história ocorrem de diversas formas, e a dimensão histórica desempenha um papel-chave na fundamentação da doutrina, pois trata-se de uma religião que se realiza na história” (Godoy, 2012).

Nesse sentido, é possível perceber que a religião se transforma ao longo do tempo e se consolida não apenas como uma manifestação humana, mas também como objeto de estudo da historiografia e de outras áreas do conhecimento, como a sociologia, a antropologia e, por fim, a própria ciência da religião. Esse processo de ascensão da religião como objeto de estudo ganha espaço no meio acadêmico a partir do século XVII, impulsionado pelo crescimento de disciplinas como etnologia, sociologia e antropologia. No entanto, é apenas a partir do século XIX que o estudo das religiões se torna mais expressivo no meio científico. Como descreve a pesquisadora Karina Kosicki Bellotti, “o estudo acadêmico e científico das religiões no

Ocidente inicia-se em meados do século XIX, inaugurado pelos estudos de antropologia e etnologia do filólogo e orientalista alemão Max Müller” (BELLOTTI, 2011).

Uma das questões que nortearam os estudos sobre religião no século XIX foi o surgimento e a ascensão do cientificismo, impulsionado, em parte, pelo trabalho de Charles Darwin em sua obra *A origem das espécies*. Essa produção contribuiu para o desenvolvimento de um pensamento fundamentalmente racional sobre a gênese humana, contrapondo-se à visão religiosa que, até então, se consolidava como hegemônica nessa temática.

Para além do cientificismo, outros dois eventos históricos foram determinantes para o fortalecimento de uma abordagem científica da religião. O primeiro foi a Reforma Protestante, no século XVI, que promoveu a dissociação entre Igreja e Estado, possibilitando o florescimento de outras cosmovisões para além da ótica católica romana — tema que será aprofundado na seção posterior deste capítulo.

O segundo evento foi o Iluminismo, movimento que se consolidou pela valorização da razão em detrimento da fé. Essa valorização fragmentou o poder da Igreja e fortaleceu os ideais de contestação ao absolutismo, sustentado por uma aliança entre o trono e o altar, na qual o rei era legitimado como portador do direito divino.

Nesse contexto de racionalização do pensamento, destacam-se nomes como Émile Durkheim, considerado o pai da sociologia. Durkheim foi o primeiro a sistematizar as regras dessa ciência e a desenvolver conceitos fundamentais, como o de “fato social”, que analisa os padrões de comportamento de uma sociedade. Sua abordagem permitiu uma leitura sociológica dos fenômenos religiosos, compreendendo-os como construções coletivas dotadas de função social.

Nesse mesmo fluxo, a figura de Max Weber se destaca como um dos teóricos mais expressivos no que tange à análise sociológica do protestantismo. Em sua obra *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, Weber desenvolve uma análise a partir da cosmovisão protestante do indivíduo e sua relação com o desenvolvimento do capitalismo. O autor estabelece uma correlação intrínseca entre o espírito racionalista empresarial e o puritanismo enquanto movimento religioso (WEBER, 2004).

Ao abordar o protestantismo, Weber o considera um contraponto à cosmovisão católica, que, segundo ele, desenvolve uma racionalidade “extramundana”,

alimentando o desinteresse pela vida moderna e, portanto, sustentando uma lógica anticapitalista. Como afirma o autor:

“A ascese cristão, que de início fugira do mundo para se retirar na solidão, a partir do claustro havia dominado eclesiasticamente o mundo, enquanto a ele renunciava. Ao fazer isso, no entanto, deixou de modo geral intacta a vida cotidiana no mundo com seu caráter naturalmente espontâneo. Agora ela ingressa no mercado da vida, fecha atrás de si as portas do mosteiro e se põe a impregnar com sua metódica justamente a vida mundana de todo dia, a transformá-la numa vida racional no mundo” (Weber, 2004, p.139)

Uma das questões que se desenvolveram ao longo do tempo foi a relação entre religião e ciência. Como desta Oliveira, “verifica-se que, à luz do cientificismo, a religião tornou-se um objeto de pesquisa a ser esquadrihado e analisado tal como qualquer outro fenômeno humano ou natural” (Oliveira, 2009).

Com o desenvolvimento da terceira geração da Escola dos *Annales* — marcada por uma renovação metodológica e pela ampliação dos objetos de estudo históricos —, a religião passou a ser analisada sob novos moldes, especialmente a partir da perspectiva das mentalidades. Segundo Oliveira, essa geração se caracteriza por três pilares fundamentais: “1) a ampliação da noção de fontes e, conseqüentemente, mudança nas perspectivas das análises históricas; 2) a ênfase na longa duração; e 3) a aproximação com as outras ciências sociais, as quais não muito bem definidas ainda” (OLIVEIRA, 2019, p. 5).

Um exemplo emblemático dessa abordagem é a obra *Os Reis Taumaturgos*, de Marc Bloch, que analisa historicamente o rito de cura atribuído aos reis medievais e a relação simbólica entre esse suposto poder e a legitimação do poder monárquico. A obra é um marco na historiografia das religiões, pois demonstra como crenças coletivas e práticas simbólicas podem ser compreendidas como construções sociais com implicações políticas e culturais profundas.

Diante do exposto, é possível perceber que a religião, ao longo do tempo, deixou de ser apenas um campo de vivência espiritual para se tornar também um objeto legítimo de investigação científica e histórica. A partir do Iluminismo, do cientificismo e da consolidação das ciências sociais, especialmente com autores como Émile Durkheim e Max Weber, os fenômenos religiosos passaram a ser analisados sob uma ótica crítica, racional e contextualizada.

A terceira geração da Escola dos *Annales*, ao incorporar a perspectiva das mentalidades e ampliar o conceito de fontes históricas, contribuiu significativamente para essa transformação. Obras como *Os Reis Taumaturgos*, de Marc Bloch, demonstram como a religião pode ser compreendida como uma construção simbólica e social, profundamente enraizada nas estruturas de poder e nas crenças coletivas.

Assim, compreender a religião como fenômeno histórico e social é fundamental para a análise do protestantismo em contextos locais, como o de Teixeira de Freitas, permitindo uma abordagem mais ampla, crítica e sensível às múltiplas dimensões da experiência religiosa.

1.2 Reforma e Contrarreforma: Transformações Religiosas na Europa Moderna

O protestantismo no Brasil não é homogêneo, pois abrange uma pluralidade de estruturas e uma diversidade de profissões de fé (Paegle, 2005). O autor reconhece a complexidade do objeto de estudo, que pode abarcar uma série de cosmovisões. No entanto, é necessário destacar que existem elementos que conferem certa unidade a esse segmento plural. Nesse sentido, o protestantismo pode ser compreendido como um campo religioso em que, em linhas gerais, o protestante é aquele que se sente liberto por Cristo, segue exclusivamente a Bíblia “como única regra de fé e prática”, cultiva uma ética racional de desempenho voltada para a glória de Deus e vive moralmente segundo os Dez Mandamentos e os padrões da moral burguesa vitoriana (Mendonça, 2005).

O entendimento construído por Mendonça reforça a associação entre ser protestante e a centralidade da Bíblia como única autoridade de fé e prática. Essa concepção estabelece um padrão moral e racional para o indivíduo que se identifica como protestante, em contraste direto com a tradição da Igreja de Roma. Esta última sustenta sua autoridade em um tripé composto pelo magistério (encabeçado pela figura do papa), pela tradição da Igreja e, por fim, pela Bíblia — que é interpretada à luz dos dois primeiros pilares. Assim, ser protestante implica adotar uma concepção de fé baseada exclusivamente na Escritura, em oposição à mediação institucionalizada da fé católica.

Outra questão importante a ser abordada diz respeito à origem do termo “protestante”, frequentemente associada, de forma equivocada, ao ato de Martinho Lutero pregar suas 95 teses – bulas teológicas que se opunham principalmente à

venda de indulgências – na porta da igreja do castelo de Wittenberg, na Alemanha do século XVI. Para esclarecer esse equívoco, Rute Salviano explica:

“A palavra protestante, que é usada para indicar os seguidores da Reforma, foi introduzida durante a convocação da Dieta de Espira, no ano de 1529, devido ao protesto que os luteranos fizeram contra a interferência do poder civil nas decisões tomadas pelas igrejas reformadas. Portanto, esse termo refere-se a um protesto local ocorrido no século XVI e foi atribuído pelos opositores da Reforma, não por seus seguidores”. (Salviano, 2014, p.147)

Por isso, o termo “protestante”³ está intimamente associado aos fatos históricos vivenciados durante o processo da Reforma religiosa ocorrido na Europa Ocidental no final do século XV e início do século XVI, no seio da Igreja Católica Apostólica Romana.

Durante a Idade Média, entre os séculos V e XV, a Igreja Católica consolidou-se como uma instituição de enorme poder, exercido em pelo menos três dimensões distintas: política, econômica e social. Com uma estrutura centralizada em meio à fragmentação do sistema feudal, a Igreja detinha o mais elevado grau de poder político, influenciando decisões nos reinos e feudos, mediando conflitos e contribuindo para a ascensão ou queda de autoridades. Esse poder político, influenciando decisões nos reinos e feudos, mediando conflitos e contribuindo para ascensão e queda de autoridades.

Esse poder político possibilitou também a ampliação de sua influência econômica, por meio da arrecadação de dízimos e das doações de reis e senhores feudais, acumulando vastas riquezas e propriedades que a tornaram uma das instituições mais poderosas da época. Socialmente, o poder da igreja não se limitava apenas ao alto escalão, mas regia toda a prática da população europeia. Nesse sentido, Fernando Seffner observa que

“toda a vida secular estava regulada pela observação das regras cristãs; nas cidades medievais dominavam as igrejas, capelas, basílicas, catedrais, abadias e outras construções religiosas. [...] A vida cotidiana era toda impregnada por pequenos rituais católicos: fómulas para benzer os alimentos, a água, as frutas, o óleo, o pão; rezas pedindo proteção contra as catástrofes, contra os perigos das viagens, dos animais selvagens, das pragas. Praticamente todas as formas de doença e loucura eram atribuídas a feitiços do diabo, e eram resolvidas por meio de exorcismo, sinais da cruz, água

³ No curso do texto o termo é utilizado também como sinônimo de evangélico.

benta, preces, missa. Todas as manifestações culturais – pintura, música, literatura, escultura, arquitetura – utilizavam elementos ligados ao sagrado”. (Seffner, 1993, p.5).

Na tentativa de compreender a Reforma Protestante, é comum o equívoco de situá-la exclusivamente no de 31 de outubro de 1517, quando Martinho afixou suas 95 teses na porta da igreja do castelo de Wittenberg. No entanto, a historiografia contemporânea aponta que as raízes desse movimento remontam a acontecimentos anteriores, que preparam o terreno para as aspirações reformistas luteranas.

Por vezes, dissemina-se a ideia de que o poder da Igreja Católica Romana na Idade Média se consolidou sem questionamentos. No entanto, esse pensamento é equivocado. Ao longo de todo o período medieval, desenvolveram-se movimentos contestatórios nascidos no interior da própria Igreja, com o objetivo de reformá-la e alterar práticas consideradas inadequadas por pequenos grupos ou seitas.

Dentre os nomes que representam esse processo de contestação, destacam-se três figuras que servem de contraponto à ideia de que a Igreja Romana foi absoluta na Idade Média. O primeiro é John Wycliffe, teólogo inglês nascido por volta de 1320, que, ao observar a atuação do poder papal e estudar as Escrituras, concluiu que faltava à Igreja autoridade bíblica para justificar seu domínio. Wycliffe dedicou-se à tradução da Bíblia para o inglês e à sua divulgação, posicionando-se contra a corrupção do clero, a autoridade papal e dogmas como o da transubstanciação.

Outro nome relevante é João Huss, nascido por volta de 1370, de origem camponesa, que ingressou ainda jovem na Universidade de Praga. Seu nome está associado aos movimentos reformadores na Boêmia – região que corresponde, em parte, à atual República Tcheca – e que mantinha fortes vínculos com o Império Alemão. O contexto político e religioso vivenciado por Huss, marcado pelo desvio moral do clero e pela ostentação das autarquias religiosas, contribuiu para o desenvolvimento de seu ideal reformista.

Por fim, o terceiro nome apresentado neste bloco de movimentos de pré-Reforma é o do frade dominicano Jerônimo Savonarola, natural de Ferrara, que desenvolveu suas ações na cidade de Florença. Assim como os autores mencionados anteriormente, Savonarola atuou em um contexto de profunda corrupção moral do clero e de uma Igreja que, em meio à pobreza do povo, ostentava riqueza e pompa, em contradição com os ensinamentos cristãos que condenavam a usura.

Em oposição a esse cenário, Savonarola defendia uma vida humilde e voltada à santidade. Em suas pregações, denunciava os pecados dos poderosos e da própria Igreja, o que resultou em sua condenação por heresia e cisma, sendo executado por enforcamento e queimado em praça pública. Como afirma Justo L. González, “Savonarola atacava a corrupção da Igreja e profetizava que a Igreja teria que passar por uma grande tribulação antes de ser restaurada” (GONZÁLEZ, 2011).

Diante da diversidade de levantes contestatórios ao longo da Idade Média, torna-se essencial refletir sobre os fatores que impediram o florescimento desses movimentos. A história, no entanto, tomaria um novo rumo com o evento de 31 de outubro de 1517.

Esse marco histórico tem como figura central Martinho Lutero, monge agostiniano que, como forma de protesto, afixou suas 95 teses na porta da igreja do castelo de Wittenberg, na Alemanha. Suas teses questionavam práticas da Igreja Romana, especialmente a venda de indulgências. Embora esse movimento tenha se consolidado no século XVI, suas raízes estão firmemente ancoradas em um tempo anterior, como demonstram os já citados pré-reformadores John Wycliffe, João Huss e Jerônimo Savonarola.

É importante destacar que a Reforma Protestante não se limitou à Alemanha, tampouco à figura de Lutero. Seus desdobramentos alcançaram outros países e continentes, influenciando inclusive a colônia portuguesa na América. Além disso, a Reforma transcendeu o campo estritamente religioso, impactando também as esferas econômica, social e política, contribuindo para a formação de uma nova concepção de ser social na modernidade.

Neste sentido, a Reforma Protestante, embora tradicionalmente associada ao ato simbólico de Martinho Lutero em 1517, é resultado de um longo processo histórico de tensões, críticas e transformações no interior da Igreja Católica. Os movimentos de pré-reforma, protagonizados por figuras como John Wycliffe, João Huss e Jerônimo Savonarola, revelam que o questionamento à autoridade e às práticas da Igreja já estava em curso muito antes do século XVI.

Esses movimentos, ainda que não tenham alcançado êxito institucional imediato, prepararam o terreno para a ruptura definitiva que viria com a Reforma. A partir dela, novas formas de organização religiosa, leitura das Escrituras e compreensão da fé cristã se consolidaram, influenciando não apenas o campo

religioso, mas também as estruturas sociais, políticas e econômicas da modernidade ocidental.

Desse modo, compreender a Reforma como um fenômeno multifacetado e de longa duração permite uma análise mais profunda de seus desdobramentos, inclusive no contexto brasileiro, onde o protestantismo se manifesta de forma plural, mas ainda enraizado em princípios que remontam àquele momento de ruptura e renovação.

1.3 A Caminhada do Protestantismo no Brasil

Tecer uma abordagem historiográfica sobre os eventos que envolvem os processos históricos de uma determinada religião exige do historiador a reafirmação de um princípio fundamental: o trabalho historiográfico difere substancialmente de uma apologia religiosa. Seu objetivo é descrever, analisar e problematizar os eventos que envolvem as religiões, e não construir uma defesa sistemática de suas doutrinas.

O teórico que nos auxilia a desenvolver essa abordagem sobre o protestantismo no Brasil é o historiador francês Émile Guillaume Léonard, cuja obra *O protestantismo brasileiro: estudo de eclesiologia e história social* se consolida como pioneira ao propor uma leitura histórica crítica da temática. Ao romper com as narrativas apologéticas produzidas por diferentes ramificações protestantes — que buscavam validar suas instituições — Léonard inaugura uma perspectiva analítica que insere o protestantismo brasileiro no campo da historiografia científica (LÉONARD, 2002).

Membro da terceira geração da Escola dos Annales, Léonard foi professor de História da Civilização Moderna e Contemporânea na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (USP), além de diretor de estudos na Escola Prática de Altos Estudos – Ciências Religiosas, em Paris. Sua contribuição é fundamental para compreender o protestantismo como fenômeno histórico-social, inserido nas dinâmicas culturais, políticas e religiosas do Brasil.

Como desfecho desse segundo momento, advindo da abertura dos portos, dois tipos de protestantismo se desenvolvem no Brasil: o protestantismo de imigração e o protestantismo de missão. O primeiro está intrinsecamente ligado aos imigrantes europeus que chegaram ao território nacional trazendo consigo seus costumes e práticas religiosas. Esses grupos se estabeleceram majoritariamente na região Sul do

país. Diferentemente desse modelo, que não tinha como objetivo a conversão de novos adeptos, o protestantismo de missão possuía um caráter proselitista, voltado à evangelização e à expansão de sua fé entre os brasileiros.

A abertura dos portos, autorizada por Dom Pedro II, foi um fator decisivo para a inserção protestante no Brasil, pois viabilizou a permanência de estrangeiros não católicos no país e impulsionou um processo que, gradualmente, consolidou as bases para a instalação de novas expressões religiosas. Nesse sentido, Émile Léonard destaca:

“Duas ordens de circunstâncias favoreceram grandemente a propaganda estrangeira: as disposições do Imperador e a necessidade que o Brasil tinha de imigrantes. D. Pedro II já é bem conhecido, para que se torne necessário insistir nos aspectos de sua atitude religiosa. Crente respeitador da religião católica, segundo se afirmou, observa suas práticas, mas sem entusiasmo.” (Léonard, 1963, p.135)

A partir desse contexto, o protestantismo começa a se estruturar no Brasil, não apenas como herança cultural de grupos imigrantes, mas também como um projeto missionário que influenciaria a formação religiosa e social do país nas décadas seguintes.

Esses apontamentos descritos por Émile Léonard revelam as circunstâncias que favoreceram o desenvolvimento do protestantismo brasileiro, destacando a necessidade de imigrantes como fator essencial para viabilizar o projeto de colonização. Como muitos desses imigrantes professavam a fé protestante em seus países de origem, permitir o culto dessa religião no Brasil tornou-se uma estratégia importante para atrair novos colonos. Percebe-se, assim, um componente econômico que colaborou diretamente para a inserção do protestantismo no país.

Léonard também destaca uma característica particular de Dom Pedro II em sua relação com a Igreja Católica. O imperador assumia o catolicismo como religião pessoal, mas o praticava de forma moderada, utilizando-o mais como referência para seus valores sociais do que como expressão de espiritualidade profunda. Essa postura pragmática diante da fé contribuiu para a valorização de um Estado mais autônomo em relação à Igreja, o que, por sua vez, facilitou a implantação dos primeiros trabalhos missionários protestantes no Brasil (LÉONARD, 1963).

Outro fator relevante apontado por Léonard é a distribuição de exemplares das Sagradas Escrituras, que antecedeu a presença sistemática de missionários

protestantes e funcionou como elemento de permeabilidade para a implantação das missões religiosas. Nesse contexto, destaca-se o protagonismo das sociedades bíblicas, responsáveis por disseminar a Bíblia em território nacional, contribuindo para a formação de um ambiente receptivo à mensagem protestante.

Por outro lado, desde o período da Independência, já se registrava a distribuição de Bíblias em território brasileiro, inicialmente promovida pela Sociedade Bíblica Britânica e, posteriormente, pela Sociedade Bíblica Americana. Essas instituições se valiam, sobretudo, dos bons ofícios de comerciantes em viagem, que colocavam caixas de Escrituras Sagradas à disposição de quem as desejasse – chegando, por vezes, a deixá-las abertas nas alfândegas, como relata Léonard (1963, p.131).

Esse recorte revela os investimentos realizados antes mesmo da chegada sistemática dos missionários. A distribuição de Bíblias, financiada por capital estrangeiro proveniente das sociedades bíblicas inglesas e americanas, não seguia um plano evangélico estruturado, mas visava alcançar aqueles que demonstrassem interesse espontâneo. Ainda assim, essa ação se constituiu como uma etapa fundamental para a difusão dos ideais protestantes, uma vez que a Bíblia é compreendida como o fundamento da fé e da doutrina protestante. Assim, a disseminação das escrituras funcionou como uma espécie de “preparação do solo” para o desenvolvimento de ações posteriores, como a chegada dos primeiros missionários com aspirações evangélicas.

A figura apresentada por Émile Léonard como pioneira nas ações missionárias protestantes do Brasil é a do médico escocês Dr. Robert Reid Kalley. Após ser expulso da Ilha da Madeira por membros do clero, em razão de sua prática de proselitismo religioso, Kalley aportou no Brasil acompanhado de um pequeno grupo de fieis, com o objetivo de difundir sua fé. Uma das estratégias centrais adotadas por Kalley foi a tentativa de aproximação com o alto escalão da sociedade brasileira, buscando abrir brechas legais que viabilizassem a atuação missionária. Nesse sentido, Léonard relata:

“Ele próprio, antes de mais nada, dedicou-se a estabelecer, com as autoridades mais elevadas e com a alta sociedade brasileira, contatos que garantiriam sua obra e seus convertidos. Instalou-se, com suas duas camareiras alemãs e seu jardineiro português, em Petrópolis, na casa de verão a vista do Imperador, que vinha de improviso, como vizinho, ouvi-lo contar suas viagens pela Terra Santa” (Léonard, 1963, p.138).

Esse recorte evidencia o esforço de Kalley em estabelecer relações estratégicas com a elite brasileira, motivado por sua experiência anterior na Ilha da Madeira, onde enfrentou forte repressão por parte do clero, que pressionou a rainha Maria da Glória a reprimir os trabalhos protestantes. Suas ações cautelosas no Brasil, no entanto, resultaram em avanços significativos, culminando na fundação da primeira congregação protestante em solo brasileiro.

Segundo Léonard:

“Kalley, em todo caso, batizou no Rio, em 11 de julho de 1858, o primeiro brasileiro que pertenceu, nos tempos modernos, a uma igreja protestante, Pedro Nolasco de Andrade. Esse dia é considerado a data da fundação da Igreja Evangélica, chamada mais tarde catorze membros: o Dr. Kalley e sua esposa, três norte-americanos, oito portugueses e, como brasileiro, o batizado do dia” (1963, p.138).

Esse relato apresenta o modesto início do protestantismo brasileiro, com apenas quatorze membros, dos quais treze eram estrangeiros e apenas um brasileiro recém-batizado. Apesar de sua dimensão inicial aparentemente inexpressiva, o trabalho desenvolvido por Kalley foi de grande importância, pois lançou as bases legais e sociais para a implantação de futuras missões protestantes no Brasil, como as presbiterianas, metodistas e batistas.

1.4 O Protestantismo Na Bahia: A Presença Batista

As igrejas batistas estão presentes no Brasil há mais de 150 anos e representam uma das maiores denominações protestantes do país, reunindo milhões de fiéis em todo o território nacional. Essa presença tem início com a organização da Primeira Igreja Batista em Santa Bárbara d'Oeste, no interior do Estado de São Paulo. A comunidade foi fundada por um grupo de imigrantes estadunidenses em 10 de setembro de 1871, caracterizando-se como expressão do que já foi anteriormente definido como protestantismo de imigração.

O estabelecimento das primeiras comunidades batistas formadas por imigrantes contribuiu para o desenvolvimento dos primeiros trabalhos de caráter missionário no Brasil. A partir dessas iniciativas, começaram a surgir comunidades compostas por brasileiros convertidos ao protestantismo. Um marco importante desse

processo foi a fundação da Primeira Igreja Batista da Bahia, organizada em 15 de outubro de 1882, na cidade de Salvador, pelos missionários William Bagby, sua esposa Anne Luther Bagby, Zachary Clay e sua esposa Katharine Steves Crawford Taylor. A chegada desses missionários foi uma resposta aos pedidos feitos à Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos por lideranças das igrejas de imigrantes já estabelecidas no país.

Desde o início, destaca-se a presença ativa de mulheres no protestantismo brasileiro. No caso dos batistas, essa atuação é protagonizada pela missionária Anne Luther Bagby, cuja contribuição foi fundamental para a consolidação da denominação no Brasil. Com o estabelecimento da primeira igreja batista de cunho missionário em Salvador, a Bahia se consolida como um reduto histórico da denominação no país. A capital baiana foi palco de eventos significativos, como a realização da primeira reunião da Convenção Batista Brasileira (CBB), a criação da Junta de Missões Nacionais (JMN) e da Junta de Missões Mundiais (JMM).

Essas instituições vinculadas ao movimento batista no Brasil colaboraram significativamente para o processo de interiorização da denominação, que, pouco a pouco, foi se expandindo para regiões mais distantes dos grandes centros urbanos. No que se refere ao extremo sul da Bahia, Valdênia Machado nos oferece a seguinte contribuição:

“A organização da primeira igreja batista no extremo sul baiano ocorre no final da década de 1940, no distrito de Ponta de Areia, município de Caravelas. Por meio de uma ação evangelística neste local, há uma conversão que, semelhantemente ao ocorrido no século XIX, com o ex-padre Antônio Teixeira Albuquerque, na igreja Santa Bárbara d’Oeste, a semente plantada por missionários gerou frutos. Em Ponta de Areia, o novo convertido foi o Sr. Pedro Pereira de Lírio.” (Machado, 2003, p.77)

Ainda que os primeiros missionários tenham iniciado seus trabalhos pelo Sudeste – como William Bagby e Anne Luther Bagby -, sua atuação foi fundamental para a expansão das igrejas batistas em todo território nacional. A Bahia passou a integrar esse roteiro, especialmente por meio de cidades com acesso ao mar ou à malha ferroviária, o que facilitava a comunicação com outras regiões. Salvador, por ser a capital e possuir um porto estratégico, tornou-se umas das primeiras portas de entrada do protestantismo batista no estado.

A trajetória do protestantismo batista na Bahia revela um processo de expansão que combina elementos de imigração, missão e interiorização. Desde a fundação da Primeira Igreja Batista em Santa Bárbara d'Oeste, passando pela chegada dos missionários William e Anne Luther Bagby a Salvador, até a organização das primeiras igrejas no interior do estado, como em Ponta de Areia, observa-se um movimento contínuo de consolidação da fé batista em solo baiano.

A Bahia, especialmente sua capital, desempenhou um papel estratégico nesse processo, não apenas como ponto de entrada para os missionários, mas também como sede de importantes instituições que contribuíram para a estruturação e difusão do protestantismo batista no Brasil. A atuação de figuras como Anne Luther Bagby e a criação de organismos como a Convenção Batista Brasileira, a Junta de Missões Nacionais e a Junta de Missões Mundiais reforçam a relevância histórica da região.

Portanto, a presença batista na Bahia não pode ser compreendida apenas como um reflexo da expansão nacional, mas como um núcleo ativo e formador da identidade protestante brasileira, cuja influência se estende até os dias atuais.

1.5 A Atuação das Mulheres no Protestantismo Brasileiro

Com o desenvolvimento da Escola dos *Annales*, temáticas anteriormente consideradas periféricas ou irrelevantes pela historiografia tradicional — como família, infância e religiosidade — passaram a ganhar maior visibilidade nas abordagens historiográficas. Nesse contexto, a construção de uma abordagem sobre as mulheres tornou-se, a partir do século XX, uma pauta possível, impulsionada principalmente pelo movimento feminista, que denunciou a ausência das mulheres na produção historiográfica.

Dessa forma, pode-se afirmar que a história das mulheres é atravessada por um processo contínuo de silenciamento ao longo do tempo. Nesse sentido, Lilian Sarat de Oliveira oferece a seguinte contribuição:

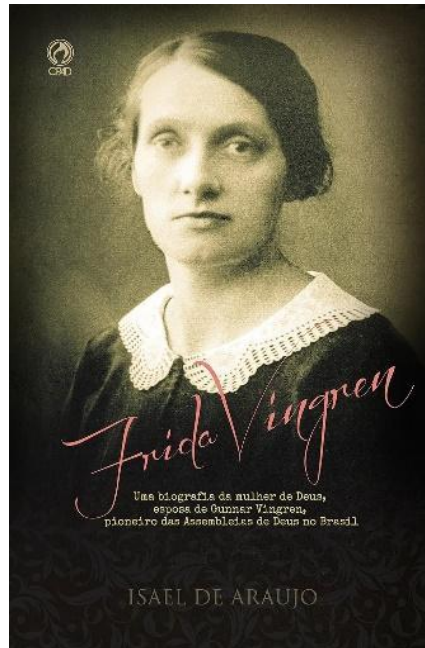
“A história da mulher brasileira, como a história de tantas mulheres, é marcada pelo estabelecimento da ordem patriarcal que, em grande medida, foi legitimada pela religião cristã ocidental, que transmitiu o silenciamento do feminino em todas as esferas sociais. A mulher do Brasil oitocentista, formada e constituída socialmente nesta ordem, era subordinada e dependente do pai ou do marido, sendo feita propriedade do homem e calada por ele.” (Oliveira, 2009, s/p)

Diante disso, torna-se necessário dar visibilidade às lutas dessas mulheres frente a um sistema que fricciona seus corpos entre o profano e o sagrado. Destaca-se que, embora historicamente tenham sido colocadas à margem da sociedade, as mulheres sempre se constituíram como sujeitos presentes e ativos na vida social, atravessando os mais diversos estratos sociais. Nesse sentido, Mary Del Priore, importante historiadora de nosso tempo, afirma na apresentação do livro *História das Mulheres no Brasil*, que:

“A história das mulheres é relacional, inclui tudo que envolve o ser humano, suas aspirações e realizações, seus parceiros e contemporâneos, suas construções e derrotas. Nessa perspectiva, a história das mulheres é fundamental para se compreender a história geral: a do Brasil, ou mesmo aquela do Ocidente cristão.” (Del Priore, 2004, s/p)

Como exemplo dos enfrentamentos vivenciados pelo feminino no ambiente protestante brasileiro, a trajetória da pioneira Frida Vingren oferece elementos que possibilitam a problematização da presença e atuação das mulheres no contexto protestante nacional, especialmente no interior das Assembleias de Deus. Essa instituição tem como fundadores os missionários Daniel Berg e Gunnar Vingren. Por muito tempo, como resultado de um processo de silenciamento histórico, ocultou-se a imagem de uma mulher extremamente relevante nesse processo de implantação das Igrejas Evangélicas Assembleias de Deus no Brasil: a missionária sueca e esposa de Gunnar, Frida Vingren:

Figura 1 Capa do livro Frida Vingren



Fonte: Moraes, 2014

Nascida na Suécia em 1891, Frida Maria Strandberg foi consagrada como missionária pela Igreja Filadélfia de Estocolmo e enviada ao Brasil no ano de 1917. Chegou sozinha ao país e, prontamente, associou-se a outros missionários com o objetivo de desenvolver o trabalho religioso. Entre esses missionários encontrava-se o também sueco Gunnar Vingren. Após três meses em território brasileiro, Frida e Gunnar contraíram matrimônio e passaram a desenvolver juntos suas atividades missionárias. Vale destacar que ambos já se conheciam na Suécia, o que contribuiu para a rápida formalização da união.

Dotada de uma capacidade intelectual diferenciada, Frida destacou-se e consolidou-se como uma mulher profundamente atuante em diversas frentes nos trabalhos iniciais das Assembleias de Deus. Nesse sentido, Silva aponta uma série de atividades desenvolvidas pela missionária.

Por conta do seu letramento, Frida foi à principal redatora do jornal Boa Semente em 1919, a única comentarista mulher das lições bíblicas da EBD em 1923, escreveu artigos, foi jornalista, enfermeira, pregadora ativa nos trabalhos evangelísticos dentro e fora da igreja. Traduziu, adaptou, compôs e publicou hinos da Harpa Cristã (o hinário das ADs), cantou e tocou órgão e

violão. Foi muito ativa na área da literatura e imprensa das Assembleias de Deus, escreveu artigos e reportagens para a Suécia. (Silva, 2022, p. 16)

Esse relato evidencia, de forma objetiva, as ações exercidas pela missionária sueca, especialmente no que se refere à sua produção intelectual, com destaque para a comunicação escrita das ações e do credo de fé do recém-chegado protestantismo pentecostal. No entanto, é importante ressaltar que a atuação de Frida transcende a esfera intelectual, abrangendo também a dimensão prática do trabalho missionário. Nesse sentido, Silva nos apresenta:

“Seu marido viajava bastante para pregar o evangelho em outras localidades, e ela, juntamente com outros irmãos, ficava na direção da igreja. Em 1920, após três meses de sofrimento, em virtude de ter contraído malária, quando curada, ficou na direção da igreja por quase três meses, juntamente com Samuel Nystrom, pois seu marido viajou pela primeira vez ao Rio de Janeiro.” (Silva, 2022, p.17)

Esse apontamento demonstra a capacidade de Frida em liderar a igreja, assumindo sua direção por um período considerável. Tal habilidade de liderança também se manifesta em outras frentes de atuação, como intervenções em presídios, visitas a membros da comunidade e a realização de cultos evangélicos ao ar livre. Essas atividades demonstram a amplitude e a dedicação de Frida em seu ministério.

Como consequência de sua atuação destacada, parte da liderança da igreja passou a se posicionar de forma contrária ao seu ministério, adotando uma postura depreciativa diante de suas ações, sob a justificativa da impossibilidade de mulheres exercerem autoridade pastoral. Nesse contexto, Silva apresenta a figura de um dos principais opositores de Frida: o também missionário Samuel Nystrom.

“em 28 de setembro de 1929, Gunnar recebeu uma dura carta de Samuel Nyström que era o pastor das Assembleias de Deus no Pará, tudo indica que ela se referia à atuação da mulher na igreja, a qual ele era contrário. Gunnar apoiava o trabalho feminino de liderança na igreja e entrou em divergências com Samuel Nyström, passando a separar as suas atividades, neste mesmo ano Gunnar lança no Rio de Janeiro, o jornal O Som Alegre como órgão oficial das Assembleias de Deus, a sua primeira edição foi fechada por Frida, que também era redatora de duas das suas seções.” (Silva, 2022, p.18)

A tensão entre o ministério ativo de Frida e o posicionamento conservador de parte da liderança pastoral assembleiana é apontada como uma das razões que justificaram a convocação da primeira Reunião Geral de Obreiros da igreja. Uma das

pautas dessa reunião, realizada em 1930, foi justamente a discussão sobre o ministério feminino, o qual não foi aceito pela liderança presente.

Na fotografia abaixo, observa-se a composição dessa reunião histórica. A única mulher presente é Frida Vingren, que, ao lado de Gunnar Vingren, defendeu — sem êxito — a legitimidade da atuação feminina no ministério pastoral.

Figura 2. Convenção Geral de 1930



Fonte: MORAES, 2014 p. 121.

O fato é que um ciclo de ações voltadas à limitação da atuação feminina foi deflagrado no interior da igreja. No entanto, tais medidas não foram recebidas com apatia, sendo diligentemente contra-argumentadas pela missionária Frida. Como aponta Oliveira: “Frida não se calou diante das tentativas de silenciamento. Pelo contrário, utilizou-se da escrita como ferramenta de resistência, publicando textos que incentivavam outras mulheres a não aceitarem passivamente as decisões da liderança masculina.” (Oliveira, 2005).

Em janeiro daquele mesmo ano, Frida publicou um artigo intitulado “*Dons espirituais*”, no periódico *O Som Alegre* (p.8-9), no qual abordou com notável habilidade e conhecimento o dom da Palavra da Ciência. Ao final do texto, defendeu que, da mesma forma que a mulher pode receber o dom da profecia, também pode receber o dom da Palavra da Ciência.⁴ Ao receber tal dom, argumenta Frida, a mulher

⁴ O artigo “*Dons espirituais*” de Frida Vingren, publicado no periódico *O Som Alegre* em janeiro de 1930, é mencionado em estudos acadêmicos, como no artigo “A Teologia Femino-Carismática de Frida Vingren”, de Gutierrez Fernandes Siqueira. Nesse texto, o autor destaca que Frida utilizou esse espaço para justificar teologicamente sua atuação como pregadora e professora das Escrituras, defendendo que os dons espirituais, como o da Palavra da Ciência, também podem ser concedidos às mulheres. No entanto, o artigo original completo ainda não está disponível online em formato digital acessível ao público. Ele pode estar arquivado em bibliotecas especializadas ou acervos históricos ligados à CPAD (Casa Publicadora das Assembleias de Deus), que editava o periódico *O Som Alegre*.

está apta a pregar e ensinar, ou seja, a exercer plenamente o seu ministério. A missionária ainda afirmou que o ministério não é obra do homem ou da mulher, mas sim do Dom concedido por Deus, sem distinção de gênero (Silva, 2022, p.18).

Ainda, como parte de sua reação à decisão da Convenção Geral de 1930, Frida publicou um artigo no jornal assembleiano *Mensageiro da Paz*, no qual expôs de forma clara e contundente seus argumentos em defesa do ministério feminino:

“As Irmãs das “assembleias de Deus”, que igualmente, como os irmãos têm recebido o Espírito Santo, e portanto, possuem a mesma responsabilidade de levar a mensagem aos pecados, precisam convencer-se de que podem fazer mais do que tratar dos deveres domésticos. Sim, podem também, quando chamadas pelo Espírito Santo, sair e anunciar o Evangelho. Em todas as partes do mundo, e especialmente no trabalho pentecostal, as irmãs tomam grande parte na evangelização. Na Suécia, país pequeno com cerca de 7 milhões de habitantes, existe um grande número de irmãs evangelistas, que saem por toda a parte anunciando o Evangelho, entrando em lugares novos e trabalhando exclusivamente no Evangelho. Dirigem cultos, testificam e falam da palavra do Senhor, onde há uma porta aberta. [...] Por qual razão, as irmãs brasileiras não de ficar atrasadas? Será que o campo não chega, ou que Deus não quer? Creio que não. Será falta de coragem? Na “parada das tropas” a qual teve lugar aqui no Rio, depois da revolução, tomou também parte, um batalhão de moças do Estado de Minas Gerais, as quais se tinham alistado para a luta. Para cumprir um ideal terrestre há coragem, porque também não há para cumprir a vontade de Deus?” (MENSAGEIRO DE PAZ, 1931, p. 3)

Após esses enfrentamentos, uma série de eventos contribuiu para o enfraquecimento do ministério de Frida no Brasil. Entre eles, destaca-se a perda da direção do *Mensageiro da Paz*, que deixou de estar sob a responsabilidade de Gunnar Vingren. Por meio de um comunicado oficial, ele foi obrigado a transferir o comando do periódico ao missionário Samuel Nystrom.

Em 15 de agosto de 1932, a família Vingren retornou à Suécia após o falecimento de uma de suas filhas. Sobre esse retorno, Silva aponta:

“Pouco antes de completar um ano, da chegada da família Vingren na Suécia, Gunnar faleceu, o anúncio da sua morte foi escrito por Frida e publicado no Mensageiro de Paz. Esta foi a última publicação de Frida nos jornais assembleianos no Brasil. Frida queria muito voltar ao Brasil com seus filhos, mas Lewi Pethrus não permitiu.” (Silva, 2022, p. 22)

Segundo a biografia escrita pelo teólogo e historiador Isael de Araújo — pesquisador vinculado à Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD) —, Frida adoeceu e foi internada por um de seus filhos em um sanatório. No entanto, essa versão não se coaduna com a apresentada pelo sociólogo Gedeon de Alencar

(2012), segundo a qual Frida estaria a caminho de Portugal quando, ainda na plataforma do trem, foi detida por um grupo ligado à igreja, conduzida à delegacia e, posteriormente, internada em um sanatório, onde faleceu em 30 de novembro de 1940.

A descrição dos eventos que compõem a trajetória da missionária sueca Frida Vingren exemplifica estruturas que se estabelecem com o objetivo de cercar qualquer aspiração feminina de ocupar espaços de destaque. Esse exemplo evidencia que tais estruturas, sustentadas pelo preconceito, não se limitam ao meio familiar, político ou social, mas também se manifestam no contexto religioso.

Entretanto, é essencial compreender que a mensagem de Cristo se diferencia substancialmente das estruturas sociais marcadas pelo preconceito. A presença e a participação de mulheres na estrutura das religiões cristãs estão registradas desde seus momentos iniciais, uma vez que o texto sagrado cristão apresenta evidências claras do protagonismo feminino, ratificando sua importância no desenvolvimento e na propagação da mensagem evangélica. Com o objetivo de exemplificar essa perspectiva, recorro a alguns recortes bíblicos que contribuem para uma compreensão mais apurada da temática.

O Evangelho de Lucas, especialmente no capítulo 8, destaca de forma clara e significativa a participação ativa das mulheres no ministério de Jesus, inclusive no aspecto financeiro. O trecho de Lucas 8:1-3 relata:

“Depois disso Jesus ia passando pelas cidades e povoados proclamando as boas novas do Reino de Deus. Os Doze estavam com ele, e também algumas mulheres que haviam sido curadas de espíritos malignos e doenças: Maria, chamada Madalena, de quem haviam saído sete demônios; Joana, mulher de Cuza, administrador da casa de Herodes; Susana e muitas outras. Essas mulheres ajudavam a sustentá-los com os seus bens.” (Lucas 8:1-3)

Esse trecho bíblico reforça a ideia de que, desde os primórdios do cristianismo, as mulheres não apenas acompanharam Jesus, mas também sustentaram ativamente sua missão, contrariando estruturas sociais que buscavam relegá-las ao espaço doméstico.

Concluo esta seção destacando a contribuição de Rute Salviano Almeida⁵, pesquisadora brasileira que tem se dedicado à valorização da presença feminina na história do cristianismo, especialmente no contexto protestante nacional. Por meio de uma produção teológica e historiográfica comprometida com a justiça de gênero, Rute tem promovido uma verdadeira reparação histórica, resgatando vozes femininas silenciadas e reafirmando o papel ativo das mulheres na construção da fé cristã. Sua atuação representa um marco importante na luta por reconhecimento e equidade dentro das tradições religiosas.

⁵ Nascida em 22 de agosto de 1953, na cidade de Belo Jardim (PE), em um lar evangélico batista, Rute Salviano Almeida é licenciada em Estudos Sociais, bacharel em Teologia, pós-graduada em História do Cristianismo e mestre em Teologia, com concentração em História da Igreja. Atuou como professora da Faculdade Teológica Batista de Campinas por dezoito anos, lecionando disciplinas como História dos Batistas, História do Cristianismo, Geografia Bíblica, Didática de Ensino, Metodologia da Pesquisa, entre outras, é membro da Igreja Batista do Cambuí, em Campinas (SP), e ocupa a cadeira 31 da Academia Evangélica de Letras do Brasil (AELB). Seu trabalho tem como objetivo inspirar outras mulheres cristãs a reconhecerem seu papel na história da fé e a exercerem seus dons espirituais com liberdade e consciência de sua relevância no Reino de Deus.

CAPÍTULO 2. PROTAGONISMO FEMININO NO PROTESTANTISMO TEIXEIRENSE: MEMÓRIA, RESISTÊNCIA E FÉ

2.1 A Voz como Fonte: A História Oral na Pesquisa Histórica

Este capítulo constitui o cerne desta pesquisa, cujo objetivo principal é oferecer uma plataforma de escuta e visibilidade às vozes femininas que compõem parte do pioneirismo protestante na cidade de Teixeira de Freitas. A proposta parte do reconhecimento de que, embora as mulheres sempre tenham desempenhado papéis significativos ao longo da história, frequentemente foram instaurados mecanismos de silenciamento que contribuíram para o apagamento de suas experiências nos registros oficiais (SCOTT, 1995). Assim, este trabalho se propõe a ser um instrumento de projeção e amplificação dessas vozes, especialmente no contexto da história do protestantismo local.

Para alcançar tal objetivo, utilizou-se como principal fonte uma entrevista realizada com a senhora Lelita Rodrigues de Almeida, conhecida como “irmã Bisa”, uma das figuras mais expressivas no processo de implantação das igrejas evangélicas na cidade. Além disso, foram analisados elementos simbólicos e documentais, como o quadro memorial exposto na Primeira Igreja Batista de Teixeira de Freitas (PIBATEF), e dados da pesquisa de Valdênia da Silva Machado, que investigou a presença batista no cotidiano urbano da cidade.

A escolha pela História Oral como metodologia de investigação se justifica pela sua capacidade de acessar experiências subjetivas e memórias que, por estarem à margem dos processos oficiais de construção histórica, muitas vezes não são registradas nos arquivos tradicionais. Como afirma Paul Thompson (1992), a história oral permite democratizar a produção do conhecimento histórico ao incluir vozes antes excluídas da narrativa dominante. Nesse mesmo sentido, Alessandro Portelli (1997) destaca que a história oral não se limita à coleta de fatos, mas valoriza os significados atribuídos pelos sujeitos às suas experiências, revelando dimensões afetivas, simbólicas e culturais da memória.

A memória, enquanto categoria de análise histórica, é aqui compreendida como um campo de disputa e construção de sentidos. Paul Ricoeur (2007) argumenta que a memória não é um simples repositório de lembranças, mas um processo ativo de

reconstrução do passado, mediado por afetos, esquecimentos e interpretações. A narrativa de irmã Bisa, portanto, não apenas relata eventos, mas os ressignifica à luz de sua trajetória pessoal e espiritual, oferecendo uma perspectiva singular sobre a formação da comunidade protestante local.

O desenvolvimento da entrevista foi viabilizado por meio de um processo de interação direta com a temática, articulando fontes orais e escritas que conferiram solidez à pesquisa. Dois fatores foram fundamentais nesse processo: o primeiro foi o trabalho de conclusão de curso da historiadora Valdênia da Silva Machado, egressa do Colegiado de História da UNEB – Campus X, que em 2010 defendeu a monografia intitulada *A presença dos batistas no cotidiano urbano na cidade de Teixeira de Freitas, no extremo sul da Bahia*. A partir dessa obra, tornou-se evidente a necessidade de aprofundar a discussão sobre a participação feminina no protestantismo local.

O segundo fator foi o desenvolvimento das atividades do Estágio Curricular IV, que propõe a exploração de espaços não escolares como campo de formação do historiador. A realização do estágio na PIBATEF possibilitou uma aproximação orgânica com a temática e viabilizou a entrevista com irmã Bisa, mediada pela própria comunidade religiosa.

A entrevista foi conduzida pelos discentes Hugo Alves Barbosa (autor desta pesquisa) e Adriel Santos Silva, ambos estudantes do curso de História, no dia 12 de novembro de 2024, na residência da entrevistada. A partir desse encontro, foi possível acessar uma fonte histórica viva, cuja oralidade se apresenta como alternativa metodológica diante da escassez de registros escritos. Como reforça Verena Alberti (2004), a história oral é especialmente valiosa quando se trata de investigar experiências de grupos marginalizados, pois permite que os sujeitos falem por si, em seus próprios termos.

Dessa forma, a oralidade emerge como uma ferramenta potente para dar voz a uma história imaterial, marcada por afetos, espiritualidade e resistência. A escuta atenta da memória de irmã Bisa não apenas ilumina aspectos pouco explorados da história religiosa local, mas também reafirma o papel das mulheres como agentes fundamentais na construção de comunidades de fé.

Figura 3. “Irmã Bisa” no quintal da sua residência.



Fonte: Acervo pessoal (2024)

2.2 A Primeira Igreja Batista e o Lugar da Mulher na Comunidade

A análise da Primeira Igreja Batista de Teixeira de Freitas (PIBATEF) como espaço de atuação e protagonismo feminino revela aspectos fundamentais da construção histórica e social do protestantismo na região. A partir da narrativa de Lelita Rodrigues de Almeida, figura central nesta investigação, é possível compreender como as mulheres não apenas participaram da vida religiosa, mas também desempenharam papéis estratégicos na organização, expansão e sustentação da comunidade de fé. Sua trajetória migratória, marcada por deslocamentos e recomeços, insere-se em um contexto mais amplo de formação urbana e religiosa da cidade, permitindo problematizar a presença evangélica batista e, sobretudo, a inserção feminina nesse processo. Este tópico, portanto, busca evidenciar como a atuação das mulheres na PIBATEF ultrapassou os limites do culto, alcançando dimensões administrativas, educacionais e missionárias, muitas vezes invisibilizadas pela historiografia tradicional.

A entrevistada, nesse contexto, constitui uma das peças centrais para a compreensão do complexo quadro religioso local. Sua trajetória migratória revela-se significativa não apenas em um âmbito pessoal, mas também por permitir a problematização de uma série de questões relacionadas ao protestantismo na região, tais como: a presença dos evangélicos batistas em Teixeira de Freitas, a história da cidade em si e, sobretudo, a participação feminina — que representa o cerne desta investigação. Nesse sentido, Valdênia Machado oferece a seguinte contribuição:

A presença batista neste município pode ser entendida desde o século XX em meados da década de 1960, quando passam a serem realizados cultos na casa de Lelita Rodrigues de Almeida, crente batista que, junto com algumas pessoas de sua família começa no ainda povoado de Teixeira de Freitas, o trabalho batista, que como muitos outros iniciados em residências dos próprios crentes, se constituem em congregações, adquirindo, com o tempo, um espaço próprio e com o aumento de conversões ou chegada de outros irmãos da mesma fé que, ao residir na localidade, passam a congregar juntos, assim é que esse espaço torna-se uma igreja. (Machado, 2010, p.93)

Nesse recorte da obra de Valdênia Machado, algumas questões se revelam particularmente relevantes para a compreensão do presente trabalho. A primeira delas é a constatação de que, até a década de 1960, não havia igrejas protestantes estabelecidas no povoado de Teixeira de Freitas. Essa realidade começa a se transformar ao longo dessa mesma década, com a chegada dos primeiros protestantes por meio de processos migratórios.

Nesse contexto, a entrevistada, senhora Lelita, assume um papel central, uma vez que ela, juntamente com alguns membros de sua família, foi responsável por realizar cultos evangélicos em sua residência — tornando-se, assim, pioneira na implantação de práticas religiosas protestantes na localidade. Essa constatação adquire especial relevância ao evidenciar que, nos anos 1960, uma mulher foi protagonista na fundação de uma igreja protestante em um campo missionário.

Sobre esse processo de institucionalização do protestantismo no município, Machado (2010, p. 104) nos oferece o seguinte relato, que ajuda a compreender o papel da entrevistada no cenário religioso local:

Dessa forma, o trabalho batista no povoado de Teixeira de Freitas, mais tarde município com o mesmo nome, foi ganhando espaço no campo religioso. No dia 17 de outubro de 1967, a direção em Caravelas aprova o pedido de uma congregação em Teixeira de Freitas, e esta se organiza com 25 membros como Primeira Igreja Batista de Teixeira de Freitas. (Machado, 2010, p.104)

Neste segundo recorte, outros elementos demandam atenção crítica, sendo o primeiro deles relacionado à percepção temporal dos eventos. Em 1963, a irmã Bisa chega ao povoado de Teixeira de Freitas, vinda de Ibirapuã, onde integrava a Igreja Batista local. Após sua chegada, ela prontamente inicia a realização de cultos em sua residência, juntamente com seus familiares evangélicos e um senhor chamado Euredes — identificado por Machado como o primeiro crente batista registrado na localidade.

Entretanto, o trecho citado anteriormente aponta o dia 17 de outubro de 1967 como a data de organização formal da Igreja, bem como o ano de posse de seu primeiro pastor, o reverendo Antônio Pinto da Cruz. Isso evidencia que, por aproximadamente quatro anos, a comunidade se reuniu sem a presença de uma liderança eclesiástica oficialmente instituída, o que ressalta ainda mais a importância da atuação espontânea e pioneira de figuras como a irmã Bisa nesse processo de consolidação religiosa.

Esse recorte também nos permite refletir sobre a composição do grupo de membros fundadores da recém-criada igreja. Segundo Valdênia Machado, eram ao todo 25 pessoas. Cruzando essa informação com os dados apresentados por Jader Pereira, verifica-se que, dentre esses fundadores, 17 eram mulheres. São elas: Lelita Rodrigues Almeida, Sofia Eugênia Almeida, Corina Santos, Enedina Barbosa, Dalvina Barbosa, Carmelita Silva, Marinalva Ribeiro, Tedina Ramalho Almeida, Celisse Andrade de Almeida, Celina Oliveira Nascimento, Onízia Duarte Almeida, Celina Mary Santos, Laurinda Rodrigues, Vaudelêia Ramalho, Rosa Amélia Santos, Santa Teles, Carmelita Silva Ribeiro e Ana Maria Teles (Pereira, 2003, p. 18).

Esses dados revelam que, no momento da fundação da Primeira Igreja Batista de Teixeira de Freitas, aproximadamente dois terços da membresia inicial eram mulheres. Tal constatação reforça a importância da atuação feminina nos processos de organização e consolidação dessa comunidade religiosa. A partir deste ponto, dedicar-me-ei à apresentação dos elementos que considero centrais na entrevista realizada com a irmã Bisa, com ênfase especial na participação das mulheres nesse processo histórico.

Logo no início da entrevista a irmã bisa nos descreve uma série de fatos que permite desenvolver e avançar nessa reflexão. Ao ser questionada por exemplo se a

mesma pertença a uma família tipicamente batista (evangélica) a mesma nos responde da seguinte forma:

“Na minha família, minha mãe era batista, evangélica, e meu avô, as pessoas da minha família eram batistas, né? Agora, do meu marido, era o meu sogro e minha sogra eram evangélicos. E tinham as cunhadas também que eram, né? Mas meu marido não era evangélico. Ele, eu orei por ele 53 anos para ele se converter. Então, depois de 53 anos de oração, ele pediu para ele dar a profissão de fé e se batizou. Ele morreu com Jesus Cristo.”

Ao descrever a composição religiosa dos familiares mais próximos, a irmã Bisa descreve a maioria deles como sendo evangélicos, mas um personagem central desta regra no quadro familiar. O esposo da entrevistada não professava a fé evangélica quando a mesma protagonizou a implantação da igreja, tal realidade só modificou após um período que a entrevistada descreve como “53 anos de oração”.

Diante dessa declaração algumas indagações podem ser estabelecidas a fim de problematizar a questão. O fato de o esposo não professar a mesma fé facilitou ou dificultou sua ação pioneira? essa ausência tornou sua ação mais segura ou mais arriscada? Para além das respostas a essas indagações algo se torna evidente num cenário onde o plano de fundo brasileiro é o golpe civil militar de 64 uma mulher no extremo sul baiano se posiciona como uma líder.

Após a constatação da entrevistada como sendo agente central no processo de implantação evangélica no povoado, me propus a questionar sobre as nuances do início desse trabalho protestante que se inicia em sua casa. Nesse sentido, Bisa nos responde:

“Eu, a gente, eu tinha revista, né, que eu já vim de lá, aí fazia o estudo das revistas né? E lia a Bíblia e pregava. À noite eu pregava. E o Sr. Eurélis também era muito bom para pregar. Aí ele começou a tomar a frente do trabalho também. Era ele e tinha duas cunhadas também, que gostavam de pregar, cantar. E aí foi chegando mais pessoas. Da família que a gente vê, aí veio umas pessoas que vinham trabalhar na fazenda. Tinha mais também evangélicos na fazenda, da fazenda. Ao todo foram 11 evangélicos que vieram na minha família.”

Ao detalhar como aconteciam às reuniões em sua casa Lelita descreve que inicialmente utilizou revistas de estudo que serviam de base para a realização do culto, além disso ela afirma que tomava a frente da pregação nesses encontros, e com a soma de seu Eurélis ao grupo o mesmo passa a auxiliá-la no ofício da pregação. ainda

nesse recorte existe um outro elemento a ser destacado, a presença e atuação de outras mulheres na pequena comunidade; às cunhadas da entrevistada que além da pregar também cantavam, estabelecendo a musicalidade como elemento do culto.

Com o desenvolvimento do trabalho, o pequeno grupo de evangélicos passa a crescer demandando novas estruturas físicas, assim os espaços de culto vão se modificando, saindo da casa de Lelita e com o passar do tempo se instalando em seu terreno próprio, que a entrevistada afirma ter sido adquirido com o auxílio da JMN. Dentro dessa questão, Bisa apresenta a seguinte problemática:

“Comprou o terreno, moço, mas esse terreno não teve, não deu escritura. O senhor que vendeu, deu só o recibo, porque naquele tempo era só recibo, né? Não dava escritura. Aí, e o povo começou invadindo, invadindo ao redor. Aí, eu disse, senhor Eurélis, a gente tem que tomar providência. Bom, vamos ligar para Missões, para Samuel Mitty, para vir, para tomar, fazer o documento desse aqui, porque senão a gente vai perder o terreno.”

Nesse trecho da entrevista, Bisa aponta que após a compra da propriedade que daria lugar às instalações do prédio da PIBATEF uma série de invasões haviam acontecidos em glebas do terreno, diante da problemática Bisa promove uma alternativa para solucionar a questão; acionar a junta de missões para providenciar a escritura visto que o mesmo garantiria a propriedade do terreno. Tal recorte se mostra relevante ao demonstrar que a atuação de Lelita não se limitou a execução dos cultos, mas também frente aos problemas administrativos da comunidade.

Apresentando esse processo de crescimento da igreja Lelita para a contar como foi o processo de construção dos primeiros templos da igreja e nesse contexto ela nos oferece a seguinte declaração:

“Aí a gente organizou a igreja, fez a igreja, começou a construir, construiu uma igreja pequena. A igreja era uma igreja grande hoje, aquela igreja. A gente derrubou ali e fez a igreja grande. Mas é uma igreja pequena. Aí o pastor Samuel Mitty mandou uma missionária para aqui. Tinha uma missionária em Caravelas que deu apoio a gente, que se chamava Maria Lima. E tinha a Jocenira Tenório Alves, que veio para ser professora aqui. Ela trabalhou como professora aqui três anos. Aí tinha a Escola Batista na igreja, onde a gente frequentava. Tinha a igreja que a gente organizou. Então tinha a Escola Batista. Foi três anos que ela esteve aqui.”

Esse recorte da entrevista, além de nos mostrar a participação ativa de Bisa na no processo de organização burocrático e construção do primeiro prédio da PIBATEF, nos apresenta também, mais vozes femininas que se fizeram presentes. A missionária

Maria Lima e a professora Jocenira Tenório Alves. Ainda bre essas mulheres Lelita descreve:

“Agora, a missionária Maria Lima não era direta daqui. Ela era de Caravelas, de Ponta de Areia. De ponta de areia. Ela vinha visitar. Vinha visitar, dava apoio, aí às vezes vinha fazer escola de férias, escola de batista de férias, né? Vinha com as crianças, juntava todo mundo das crianças, e Jocenita.”

Com esse relato podemos perceber a atuação feminina em duas áreas distintas no desenvolvimento da PIBATEF. A primeira área é a missionária na realização de atividades com a finalidade de ganhar novos adeptos, e a segunda é a educacional importante área de influência das igrejas batistas ainda. ainda tentando entender a participação de dessas mulheres questionei a entrevistada sobre o caráter do trabalho da missionária vinda de Caravelas nesse sentido respondeu:

“Ela pregava, ela tocava acordeão muito bem, cantava muito bem... Acordeon, tocava acordeon. E cantava na igreja, animava a igreja quando ela chegava...É... Era. Era animada, só vendo chamava Maria Lima.”

Nesse trecho percebe se que a atuação da missionária Maria Lima repercutiu positivamente na pequena comunidade batista, que se via inspirada ao vê-la pregar e tocar acordeom, proporcionando assim um ambiente alegre. Questionando também sobre a atuação da professora enviada pela missão dona Bisa nos apresenta a seguinte questão:

Fez um grande trabalho aqui na igreja. Fez um grande trabalho. E assim, é...

A resposta enfática dada por Bisa, nos faz perceber que o caráter educacional do trabalho realizado pela professora batista que veio de Recife - PE, comissionada pela JMN para dar aula na escola batista de Teixeira de Freitas, trouxe muita satisfação aos irmãos batistas da localidade.

Ao ser indagada sobre às ações realizadas na área da educação Lelita revela também que foi professora atuando também na antiga escola batista, mostrando mais uma vez às várias frentes exercidas por ela no início da Primeira Igreja. Sendo perguntada se se sentia apoiada ou se sofreu algum tipo de preconceito por ser mulher Lelita responde:

Não. Não. Eu sentia todo apoio. Não tinha discriminação nenhuma. Não, a gente tinha todo apoio.

A entrevistada descreve assim que sua trajetória frente aos desafios do recém-criado trabalho batista, não foi recebida com críticas, mas com apoio pela comunidade e pelos moradores da vila, a mesma resposta foi dada quando a questão foi perseguição religiosa, afirmando que o trabalho foi bem visto pelos moradores mais antigos. Diante das experiências compartilhadas por Bisa sobre sua contribuição para a existência da PIBATEF, comunidade protestante que hoje possui algumas centenas de membros, a entrevistada expressa as seguintes palavras:

“Ah moço, eu me sinto emocionada, no aniversário da igreja mesmo, eu fiquei emocionada quando eu vi aquela igreja tão linda e tem muitas filhas já, né? Muitas filhas, esparramadas aí. E eu fiquei emocionada, eu me sinto tão feliz e agradeço tanto a Deus por eu ter pegado aquela jornada e ver tanta gente. Eee só eu que tenho, das fundadoras, só eu. Minha cunhada tá nos Estados Unidos, a outra tá no Belém do Pará, e muitos outros já se foram Deus já levou.”

A palavras de Bisa expressam profunda emoção, por ter sido uma das pioneiras da PIBATEF, e a única a estar na comunidade, e nesse aspecto ela revela os desdobramentos da sua ação ao dar início ao trabalho batista em sua casa, a criação de outras igrejas batistas na cidade de Teixeira de Freitas e região que são chamados de igrejas filhas. Essas considerações dão tom firme à voz da irmã Bisa frente ao processo de implantação das igrejas protestantes na cidade de Teixeira de Freitas.

Em 2017 a PIBATEF celebrou os 50 anos de sua organização, nesse período algumas ações se desenvolveram com o objetivo de valorizar a história da igreja como a construção do livro “PIBATEF uma História de Fé” escrita por Paulo Crsar Pereira de Jesus, e a exposição de um quadro memorial que permanece exposto até o momento da escrita desse trabalho no hall de entrada do auditório principal.

Com o fim de problematizar o modo como a instituição expõe os fatos que envolvem sua história faremos uma breve análise de tal quadro, friccionando os elementos que o compõem.

Figura 4. Mural comemorativo 50 anos da PIBATEF



Fonte: Própria (2024)

A primeira questão que ressalta os olhos no quadro, são os registros fotográficos impressos. Tais registros podem ser organizados em duas categorias distintas; os prédios e os pastores. Na categoria dos prédios, vemos as fotos do primeiro templo da igreja, e na segunda foto visualizamos a fachada atual do templo principal, tal projeção pode ser compreendida como um esforço da instituição em apresentar seu crescimento ao longo dos anos, além de expressar também aspectos como modernização, visto que a fachada do templo atual possui uma arquitetura mais contemporânea.

A segunda categoria de registros fotográficos expostos no mural é a dos pastores; nessa seção a foto, o nome completo e o período do mandato, são apresentados com destaque, marcando a trajetória da liderança pastoral da igreja desde o seu primeiro pastor até o pastor atual no período do cinquentenário, no ano de 2017.

Após analisar essas duas categorias, algumas indagações podem ser feitas a fim de problematizar tal mural. A primeira indagação é: a Primeira Igreja Batista de Teixeira de Freitas iniciou suas atividades no local do seu primeiro prédio? A segunda indagação, semelhante à primeira, é, o fundador deste trabalho foi o seu primeiro pastor? Tais indagações são necessárias para o desenvolvimento de uma percepção abrangente sobre as ações femininas e seu espaço nos locais de memória.

Para além das fotografias que estão postas, outra questão que se destaca não é a presença, mas sim a ausência. A ausência fotográfica da pioneira mais expressiva

do processo de implantação da comunidade, a senhora Lelita Rodrigues Almeida (Irmã Bisa) se faz marcante em tal mural.

Outro eixo de informação apresentado no mural consiste na construção textual, redigida com o fim de historicizar sobre a PIBATEF. Nesse conteúdo algumas informações precisam ser tensionadas com objetivo de problematizar a temática. Ao analisar o texto percebe-se que a única mulher a ser citada, nesse resumo dos 50 anos da PIBATEF é a senhora Lelita, deixando assim de fora uma série de vozes pioneiras que atuaram sistematicamente na implantação da igreja.

Outro apontamento feito ao se analisar o memorial, repousa na questão da ênfase; além de Lelita ser a única mulher citada em todo o texto, o espaço dedicado a sua participação foi uma frase, *“dona Lelita Rodrigues de Almeida abre sua residência iniciando a missão dos Batistas nessa localidade.”* em tal menção o sentido que se passa no texto é que a contribuição da pioneira no processo de implantação teria sido a abertura de sua residência, excluindo fatores essenciais de sua atuação, como seu protagonismo e liderança.

2.3 Memória, Fé e Legado Feminino

A trajetória de Lelita, carinhosamente chamada de Bisa, revela muito mais do que a história de uma mulher religiosa: ela nos apresenta uma liderança silenciosa, porém decisiva, na fundação e consolidação da Primeira Igreja Batista de Teixeira de Freitas. Sua atuação multifacetada — como pregadora, educadora, administradora e articuladora comunitária — evidencia o protagonismo feminino em espaços historicamente marcados por estruturas patriarcais.

Através da história oral, foi possível acessar camadas profundas da memória individual e coletiva, resgatando vozes que, embora ausentes nos registros oficiais, foram fundamentais para a existência e expansão do protestantismo na região. Como destaca Alessandro Portelli (1997), a história oral não apenas coleta fatos, mas interpreta significados, emoções e subjetividades que moldam a experiência histórica. A fala de Bisa, carregada de emoção e orgulho, é um testemunho vivo da construção de uma comunidade de fé a partir da ação direta de mulheres.

A memória, enquanto categoria de análise histórica, permite compreender como os sujeitos constroem sentidos sobre o passado e o presente. Paul Ricoeur

(2007) argumenta que a memória é sempre seletiva e mediada, e nesse sentido, a narrativa de Lelita não apenas relata eventos, mas também os interpreta à luz de sua trajetória pessoal e espiritual. Sua lembrança da construção da igreja, da atuação de missionárias e professoras, e da ausência de discriminação de gênero, revela uma experiência de fé marcada pela agência e pela coletividade.

A presença de outras mulheres, como Maria Lima e Jocenira Tenório Alves, reforça a importância da atuação feminina nas frentes missionária e educacional, pilares da tradição batista. Como aponta Joan Scott (1995), o gênero deve ser entendido como uma categoria útil de análise histórica, pois permite revelar relações de poder e estruturas sociais que moldam a experiência dos sujeitos. No caso da PIBATEF, as mulheres não apenas participaram, mas lideraram, organizaram e sustentaram a comunidade em seus primeiros anos.

Além disso, a atuação de Lelita em questões administrativas, como a regularização do terreno da igreja, demonstra que o protagonismo feminino não se restringiu ao espaço litúrgico, mas se estendeu à gestão e à preservação do patrimônio comunitário. Essa dimensão prática da fé, que articula espiritualidade e ação concreta, é um traço marcante da religiosidade popular protestante, especialmente em contextos periféricos e interioranos (Mariz, 1994).

Ao final deste capítulo, compreendemos que a fé, para essas mulheres, não foi apenas uma experiência espiritual, mas também uma prática de resistência, organização e transformação social. Seus legados permanecem vivos não apenas nas estruturas físicas da igreja, mas nas memórias, nos afetos e nas comunidades que ajudaram a formar. A história da PIBATEF, contada a partir da voz de uma de suas fundadoras, nos convida a repensar os modos como a história é escrita, lembrada e celebrada — e, sobretudo, quem são os sujeitos que a constroem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi sob a escassez de conhecimento sobre a história do protestantismo em Teixeira de Freitas que nasce o anseio por desenvolver esse trabalho. No entanto, ao debruçar sobre a temática, às questões que envolvem o feminino nesse processo tomou a centralidade da pesquisa, despertando um desejo intenso em contribuir para o resgate do papel das mulheres na história do protestantismo, e em especial o protestantismo teixeirense.

No entanto, ao emergir na temática foi grande a satisfação ao perceber que contribuições que corroboram com esse objetivo já haviam sido dadas. Assim sendo essa pesquisa tem um caráter de progressão. Progressão ao trabalho de mulheres como Rute Salviano, com suas múltiplas abordagens sobre as mulheres na história do protestantismo; progressão ao trabalho de Valdênia Machado egressa do curso de história da UNEB Campus X, que ao apresentar sua monografia sobre a presença dos batistas no extremo sul, possibilitou visualização da irmã Bisa.

Como desdobramento de pesquisa intensa, vivências como a de Frida Vingren surgem, e possibilitam problematização de uma série de mecanismos que se estabelecem ao longo da história brasileira com o fim de silenciar vozes femininas, marginalizando-as do construto histórico oficial. Por isso dar visibilidade às vozes femininas que compõem o protestantismo local se consolidou como uma proposta extremamente relevante.

Em Teixeira de Freitas essa presença feminina teve como protagonista a senhora Lelita Rodrigues de Almeida, crente batista que ao migrar para esse espaço, até então um povoado, abre às portas de sua casa para o início do trabalho protestante, e não apenas abre às portas, mas se consolida como voz ativa nesse processo.

Por meio de sua voz, outras vozes se fizeram ouvidas neste trabalho... vozes missionárias... vozes musicistas... vozes educadoras... vozes pregadoras... mas acima de tudo, vozes femininas. O resultado dessa pesquisa comprovou que tais mulheres se fizeram extremamente relevantes no estabelecimento do protestantismo em Teixeira de Freitas, contribuindo efetivamente para a implantação e consolidação de tais comunidades.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. ***História oral: a experiência do CPDOC***. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

ALMEIDA, Rute Salviano. ***Vozes femininas no início do protestantismo brasileiro: escravidão, Império, religião e papel feminino***. São Paulo: Hagnos, 2014.

BELLOTTI, K. K. ***História das Religiões: conceitos e debates na era contemporânea***. História: Questões & Debates, Curitiba, n. 55, p. 13-42, jul./dez. 2011.

FARIAS, Marcilene Nascimento de. ***Liga de Senhoras Luteranas Do Brasil (LSLB): Relações de Gênero e Poder no Protestantismo Brasileiro***. Dourados, MS: UFGD, 2016.

GONZÁLES, Justos L. ***História ilustrada do cristianismo: a era dos mártires até a era dos sonhos frustrados***. 2ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2011.

GONZÁLES, Justos L. ***História ilustrada do cristianismo: a era dos reformadores até a era inconclusa***. 2ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2011.

IGREJA BATISTA. ***Breve linha do tempo do trabalho dos batistas no Brasil***. Disponível em: <https://www.igrejabatista.net/blog/breve-linha-do-tempo-do-trabalho-dos-batistas-no-brasil>. Acesso em: 14 jul. 2025.

LÉONARD, Émile G. ***O protestantismo brasileiro: estudo de eclesiologia e de história social***. São Paulo: ASTE, 1963.

_____. ***O Protestantismo Brasileiro. Estudo de eclesiologia e de história social***. Revista de História, São Paulo, v. 2, n. 5, p. 105–157, 1951. DOI: 10.11606/issn.2316-9141.v2i5p105-157. Disponível em: <https://revistas.usp.br/revhistoria/article/view/34900>.. Acesso em: 2 abr. 2025.

MACHADO, Valdênia da Silva. ***A Presença Batista no Cotidiano Urbano da Cidade de Teixeira de Freitas no Extremo Sul da Bahia***. Teixeira de Freitas, 2010.

MARIANO, Ricardo. ***Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil***. São Paulo: Loyola, 1999.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. ***O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas***. Revista USP, São Paulo, n. 67, p. 48-67, 2005. Disponível em: <https://revistas.usp.br/revusp/article/view/13455>. Acesso em: 14 jul. 2025.

_____; FILHO, Prócopo Velasques. ***Introdução ao Protestantismo no Brasil***. 2ªed. São Paulo: Edições Loiolal, 2002.

MORAES, Isael de Araújo de. **Frida Vingren: uma biografia da mulher de Deus, esposa de Gunnar Vingren, pioneiro das Assembleias de Deus no Brasil**. Rio de Janeiro: CPAD, 2014.

OLIVEIRA, Francisco das Chagas de. **Religião e ciência: aproximações e distanciamentos**. In: Revista Brasileira de História das Religiões, Maringá, v. 1, n. 3, p. 1-15, 2009.

OLIVEIRA, Isabela Costa de. **Frida Vingren – a pioneira silenciada: uma análise do ministério eclesial feminino nas Assembleias de Deus no Brasil na primeira metade do Século XX**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Universidade Federal do Pará, Ananindeua. Disponível em: bdm.ufpa.br

ORO, Ari Pedro. **Religiões no Brasil: continuidades e rupturas**. Petrópolis: Vozes, 2006.

PAEGLE, Evaldo Luis. **O protestantismo no Brasil: diversidade e unidade**. In: Revista de Estudos da Religião, São Paulo, n. 5, p. 1-12, 2005.

PIERUCCI, Antônio Flávio. **Religião como saber local**. São Paulo: Editora 34, 2002.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro/RJ. vol. 5. n°. 10, 1992. p. 200-212.

PORTELLI, Alessandro. História oral e memórias entrevista com Alessandro Portelli. In: **História e Perspectivas**. Uberlândia/MG 2014. p. 197-226

PRIORE, Mary Del. **História das mulheres no Brasil** / Mary Del Priore (org.); Carla 29 Bassanezi (coord. de textos). 7. ed. - São Paulo: Contexto, 2004.

SEFFNER, Fernando. **Da Reforma á Contrarreforma: o Cristianismo em crise**. 7ªed. São Paulo: Atual, 1993.

VINGREN, Frida. **Deus mobilizando as suas tropas**. Mensageiro de Paz. Rio de Janeiro - fevereiro de 1931. Disponível em: <https://mega.nz/folder/0dNyQlqI#6WIOSrdHvzowSgXnhGNQ/folder/0Q1D3YbR>
Acesso em: 09 de julho. de 2025.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o “Espírito” do Capitalismo**. São Paulo, Companhia das Letras, 2004.

PORTELLI, Alessandro. **A história oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 1997.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: UNICAMP, 2007.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71–99, jul./dez. 1995.

THOMPSON, Paul. ***A voz do passado: história oral***. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

PEREIRA, José dos Reis. **Breve História dos Batistas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1979.

PAEGLE, Eduardo Guilherme de Moura. **Uma breve análise historiográfica do protestantismo brasileiro e suas tendências atuais**. ANPUH – XXIII Simpósio Nacional De História, Londrina, 2005.

SANTANA, Wilson. **Os fundamentos históricos do protestantismo brasileiro – uma introdução. Educação**. Escola&Sociedade, Montes Claros, v.14, n. 16, p. 1-33, 2021.

PETERS, José Leandro. **A HISTÓRIA DAS RELIGIÕES NO CONTEXTO DA HISTÓRIA CULTURAL**. Faces de Clio, Vol. 1 | N. 1, 2015.

ANEXO

ANEXO A – Entrevista Lelita Rodrigues Almeida (Irmã Bisa)

ADRIEL - Olá, sejam bem-vindos ao podcast Vozes e Tradições de Teixeira. Nós somos Adriel Santos Silva e Hugo Alves Barbosa, estudantes do Colegiado de História do Departamento de Educação da UNEB Campus X. Este podcast é fruto do nosso trabalho de intervenção do componente curricular estágio supervisionado 3 em espaço não escolar. Hoje temos o privilégio de entrevistar uma figura histórica e querida, a famosa irmã Bisa. Ela vai nos contar sobre a chegada e a inserção da PIBATEF, primeira igreja batista de Teixeira de Freitas, em nossa cidade. Prepare-se para um mergulho na memória cultural e religiosa da nossa comunidade. E aí, vamos nessa? Aperte o play e embarque conosco nessa jornada de história e tradição.

HUGO - É, primeiro a gente precisa se apresentar um pouquinho, né? Como eu disse irmã bisa, eu sou o Hugo, além de pastor, sou estudante de história na UNEB, né?

BISA - Que bom.

HUGO - E esse é o Adriel, né? Também estuda com a gente, eee. Como eu disse, já tem um tempo já que a gente conhece, a gente já conhece a senhora antes de conhecer. Exatamente, né? Já conhece um pouco. E a gente estuda. Eu, particularmente, me procuro a estudar um pouco da história da Igreja Evangélica em Teixeira de Freitas, né? De como ela se desenvolveu. Aí eu gostaria que a senhora primeiro se apresentasse, né? Qual o nome da senhora mesmo, né?

BISA - Meu nome é Lelita Rodrigues de Almeida. Rodrigues de Almeida, é.

HUGO - Quantos anos a senhora tem?

BISA - Eu tenho 86 anos.

HUGO - Eee, a senhora chegou em Teixeira quando?

BISA - No ano de 63, em maio de 63. Em maio de 63.

HUGO - Eee, senhora veio de...

BISA - Eu vim... Eu vim de Ibirapuã. É, porque eu me casei em Nova Canaã. Aí, quando eu casei, eu vim para Ibirapuã. Eu cheguei em Ibirapuã numa segunda-feira. No domingo, tinha sido organizada a Igreja Batista de Ibirapuã. Aí, eu logo pedi carta de Nova Canaã para lá. E fiquei fazendo parte da Igreja de Ibirapuã. Sete anos que eu fiquei na Igreja de Ibirapuã. Depois de sete anos, eu vim para aqui. Aí, em 63, eu vim para aqui. É isso aí.

HUGO - Então, assim, a família da senhora já é uma família batista?

BISA - Na minha família, minha mãe era batista, evangélica, e meu avô, as pessoas da minha família eram batistas, né? Agora, do meu marido, era o meu sogro e minha sogra eram evangélicos. E tinham as cunhadas também que eram, né? Mas meu marido não era evangélico. Ele, eu orei por ele 53 anos para ele se converter. Então, depois de 53 anos de oração, ele pediu para ele dar a profissão de fé e se batizou. Ele morreu com Jesus Cristo. Ele estava já mal, muito mal. Ele falou assim, ô Bisa, eu estou me acabando. Eu falei assim, tu tá seguro nas mãos de Jesus? Aí ele disse assim, com toda certeza. Foi a última coisa que ele falou, não falou mais nada. Aí parou de tudo, aí foi por sobrada, ficou na UTI lá 15 dias e Deus, Deus, canso. Ficou de vias dores, né, porque deu pneumonia. O problema dele foi que ele não tinha

doença nenhuma. A doença dele foi que ele atacou pneumonia. Mas os médicos dizem que geralmente as pessoas que ficam muito tempo em cima da cama e a alimentação também, às vezes, caem no pulmão. Eu tinha cama alta e tudo, mas não teve jeito.

HUGO - A senhora conheceu o Evangelho em Nova Canaã?

BISA - Nova Canaã. Minha mãe era evangélica, uma serva do Senhor.

HUGO - Aí a senhora conheceu Jesus através dela?

BISA - Dela e dos parentes, né? Meus tios, minhas tias, todos eram evangélicos. A gente morava numa fazenda, na fazenda tinha uma congregação, muito animada a congregação. É isso aí. Era muito animada, a turma, os jovens, iam para estudar em Jaguaquara, na (IDAUDIVEL) de Jaguaquara, que era famosa aquele colégio, né? E quando voltava nas férias, vinha tudo para a congregação e a gente fazia festa. A gente fazia a festa final de ano na congregação. Vigília, noite de vigília. Era uma festa muito boa, viu?

HUGO - Muito boa.

BISA - Era, a turma era de jovens. E a gente saía e ia tudo para Nova Canaã, para a igreja. Daí era longe. Era assim, como daqui no Duque de Caxias. Se não fosse mais longe. A gente ia tudo a pé. Aquele grupo enorme de 15, 20 jovens. E é pra igreja. Trabalho da igreja de Nova Canaã. Aí, terminava o trabalho, a gente voltava de noite. Teve vezes que chovia, moço. A gente vinha com chuva no meio da canela, lama, aquelas estradas, naquele tempo não tinha asfalto, tinha nada. E a gente vinha aí tudo alegre, brincando, alegre. Era um tempo bom demais, viu? Um tempo que não tinha maldade. Um tempo que era maravilhoso, aquele tempo demais. A gente tem saudade

daquele tempo, viu? Aí eu falei, eu fui operar esses dias, aí eu falei com o médico, é doutor eu sou da geração de ferro. Ele riu, éque é da geração de ferro que a gente era, né? Não tinha celular, não tinha telefone, não tinha nada. E a gente decorava, tudo era decorado. Decorava os salmos da Bíblia, os hinos da Bíblia, os hinos, era decorado cantava no coral, as dramatizações da igreja, as coisas mais lindas, as dramatizações, tudo decorada. Fazia em época de Natal. Aí, quando eu me casei, eu me casei, tinha 19 anos, vim pra Ibirapuã. Aí cheguei em Ibirapuã e me peguei na igreja de Ibirapuã, eu trabalhei sete anos na igreja de Ibirapuã. Foi quando eu vim pra aqui. Quando eu vim pra aqui, não tinha trabalho evangélico aqui, não tinha ninguém. Nunca fizeram trabalho evangélico aqui. Tinha um senhor, que ele chamava-se seu Eurélis. Ele era de Itapetinga. Ele morou um tempo em Nanuque, ele tava aqui, ele tava numa tristeza, ele queria voltar, queria ir embora. Porque só ele que era evangélico. Aí ele dizia, eu não vou ficar aqui não, eu vou embora. Aí o cunhado dele disse assim, ô Eurélis, não vai não, que eu tô vendendo uma fazenda aqui, e essa fazenda, quem vai comprar essa fazenda são todos evangélicos. Aí ele animou, disse, eu vou esperar chegar. Aí quando chegou, eu cheguei, no primeiro domingo que eu cheguei aqui, eu fiz o trabalho. Da escola dominical, e fiz a pregação na minha casa, dia de domingo, no domingo. Aí o senhor Eurélis, ele se aproximou também, né? Era eu, meu sogro, minha sogra, minha mãe e duas cunhadas. A gente se reunia e fazia trabalho.

HUGO - Como é que era esse trabalho?

BISA - Eu, a gente, eu tinha revista, né, que eu já vim de lá, aí fazia o estudo das revistas né? E lia a Bíblia e pregava. À noite eu pregava. E o Sr. Eurélis também era muito bom para pregar. Aí ele começou a tomar a frente do trabalho também. Era ele e tinha duas cunhadas também, que gostavam de pregar, cantar. E aí foi chegando mais pessoas. Da família que a gente vê, aí veio umas pessoas que vinham trabalhar na fazenda. Tinha mais também evangélicos na fazenda, da fazenda. Ao todo foram 11 evangélicos que vieram na minha família.

HUGO - Que veio, né?

BISA - Que veio. De Ibirapuã 11, 11. Aí chegamos aqui, depois que chegamos aqui, Ai teve se Eurélis aí completou 12. Aí a gente ficou trabalhando, aí foi convertendo gente, foi convertendo. Aí a gente achava muito difícil ir para Ibirapuã porque não tinha estrada. Para ir para Ibirapuã tinha que ser a cavalo ou a pé. Era difícil o carro vir aqui, não tinha. Aí tinha caravelas, caravelas era bem mais perto. É porque a estrada era melhor para caravelas, tinha condução para aqui. Aí a gente conheceu o pastor Antônio Pinto. Antônio Pinto, que era pastor de Caravelas. Aí ele veio dar assistência aqui a gente. Aí ele começou a dar assistência, né? Aí nós começamos com o trabalho de evangelismo. Aí, com um ano, mais ou menos, a gente organizou a congregação. Depois da congregação, a gente... Meu, meu sogro, eu dirigia na minha casa o trabalho. Mas depois eu mudei de casa, ficou muito pequena a sala, não dava. Aí eu fui para a casa da minha cunhada, que era a sala maior.

HUGO - Qual o nome dessa cunhada?

BISA - Teolina Ramalho. É, hoje ela mora nos Estados Unidos, ela mora nos Estados Unidos. E meu sogro construiu um salão, esse salão ele alugou até para, a prefeitura, para dar aula de Mobral, dar aula no município e à noite no Mobral. Aí a gente aproveitou, e aí mudou o trabalho para lá, à noite, domingo à noite, sábado à noite, que não tinha escola, aí a gente fazia o trabalho lá nessa sala. Era ali, que é a Casa Barbosa, ali ao lado da Casa Barbosa, mas acho que hoje é uma farmácia, uma farmácia ao lado ali.

HUGO - Como é que era assim... Não tinha igreja, né? Evangélica.

BISA - Não, não tinha igreja evangélica não.

HUGO - Como é que era então a vida de fé das pessoas?

BISA - Tinha muita gente da igreja católica, né? Católicos. Os que tinha aqui eram católicos e tinha também três adventistas e tinha dois da Assembleia. Os dois da Assembleia não se uniu a gente não, mas os três Adventistas se uniu a gente. E começou a trabalhar com a gente, dava assistência também com a gente na congregação, dirigia o trabalho, e teve, foi na época que também estava fazendo a estrada do Derba aqui. Abrindo essa estrada aí, a estrada do Derba. Aí veio um senhor, chamava Júlio, era da assembleia. Aí ele congregava com a gente. O período que ele estava trabalhando aí na estrada, ele congregava com a gente. Irmão Júlio, que era da Assembleia de Deus. Aí depois, passado um tempo, a Assembleia organizou a igreja, os Adventistas também. Um grupozinho organizou a igreja deles e a gente continuou com a da gente. Aí veio o Samuel Mitty, que era o secretário da Junta de Missões Nacionais, esteve aqui. Aí o senhor Eurélis falou com ele que tinha um terreno grande aqui, bom de comprar, que era onde é a igreja hoje. Aí a Junta de Missões comprou o terreno.

HUGO - Comprou?

BISA - Comprou o terreno, moço, mas esse terreno não teve, não deu escritura. O senhor que vendeu, deu só o recibo, porque naquele tempo era só recibo, né? Não dava escritura. Aí, e o povo começou invadindo, invadindo ao redor. Aí, eu disse, senhor Eurélis, a gente tem que tomar providência. Bom, vamos ligar para Missões, para Samuel Mitty, para vir, para tomar, fazer o documento desse aqui, porque senão a gente vai perder o terreno.

HUGO - A senhora né?

BISA - É, nós vamos perder o terreno da igreja. Éeee, porque o Samuel Mitty tinha comprado para missões nacionais, né? Aí, o senhor Eurélis foi e deu a escritura. Depois que deu a escritura, o povo parou de invadir. Aquelas casas do lateral ali, e

aquela da quina ali em cima, foi invasão. Mas ficou só aquele terrenão grande ali da igreja. Aí a gente organizou a igreja, fez a igreja, começou a construir, construiu uma igreja pequena. A igreja era uma igreja grande hoje, aquela igreja. A gente derrubou ali e fez a igreja grande. Mas é uma igreja pequena. Aí o pastor Samuel Mitty mandou uma missionária para aqui. Tinha uma missionária em Caravelas que deu apoio a gente, que se chamava Maria Lima. E tinha a Joceníra Tenório Alves, que veio para ser professora aqui. Ela trabalhou como professora aqui três anos. Aí tinha a Escola Batista na igreja, onde a gente frequentava. Tinha a igreja que a gente organizou. Então tinha a Escola Batista. Foi três anos que ela esteve aqui.

HUGO - Então teve duas missionárias?

BISA - Agora, a missionária Maria Lima não era direta daqui. Ela era de Caravelas, de Ponta de Areia. De ponta de areia. Ela vinha visitar. Vinha visitar, dava apoio, aí às vezes vinha fazer escola de férias, escola de batista de férias, né? Vinha com as crianças, juntava todo mundo das crianças, e Jocenita.

HUGO - Como é que é o trabalho dessa irmã, dessa missionária, que vinha de Caravelas?

BISA - Ela pregava, ela tocava acordeão muito bem, cantava muito bem.

HUGO - Acordeon?

BISA - Acordeon, tocava acordeon. E cantava na igreja, animava a igreja quando ela chegava.

HUGO - É? Animava a igreja.

BISA - É... Era. Era animada, só vendo chamava Maria Lima.

HUGO - Isso mais ou menos quando a visita dessa missionária Maria Lima?

BISA - É mais ou menos nós, a igreja. Já tinha organizado a igreja. Nós organizamos a igreja em 57 não foi? 67 que foi organizada a igreja. É, 63, 64, 65, 66 mais ou menos ela começou a experimentar aqui. Foi antes um ano mais ou menos. Aí vinha dar assistência na igreja aqui, vinha pastor Pinto, Antônio Pinto, dava assistência, depois veio um pastor de Posto da Mata. Que pastor Pinto não podia mais vir, aí depois veio o de Posto da Mata, dava assistência aqui a gente também, chamava Antônio Martins depois teve também Oseas, Oseas Ventura, e, e, não era Oseas não, Era Raimundo, Raimundo e Raimunda, a esposa dele chamava Raimunda, aí dava também assistência aqui que era de Posto da Mata, quando o pastor Martins saiu, aí veio pastor Raimundo aí dava assistência aqui também. Esses pastores, depois veio o primeiro pastor aqui foi o pastor Lourenço, Lourenço Aguiar o primeiro pastor, é fixo mesmo, da igreja, efetivo. Porque antes, vinha o pastor Antônio Nascimento, ele vinha de Salvador uma vez por mês. Pastor Antônio Nascimento.

HUGO - De Salvador?

BISA - Era. Ele era pai daquele monte negro, doutor Monte Negro. Ele trabalhava em Itabuna. Ele vinha de Salvador toda vez, uma vez no mês ele vinha. Ele hospedava aqui

HUGO - Ele vinha só, ou vinha a esposa também?

BISA - É, vinha, dirigia a sessão da igreja, passava uns 3 ou 4 dias antes, pregava, fazia estudo. De mordomia. Era, fazendo estudo bom, só vendo. Depois, quando o pastor Lorenzo veio, aí ele deixou de vir. Aí quando a igreja colocou o pastor afetivo. Aí ele deixou de vir, visitar.

HUGO - Então, o primeiro pastor efetivo foi o pastor Lourenço?

BISA - Foi, Lourenço Aguiar.

HUGO - Casado, né? Casado, só lembra da esposa dele?

BISA - Palmira. É, chamava Palmira.

HUGO - E como é que era a irmã Palmira? Assim, no trabalho da igreja?

BISA - Ela dava assistência e tudo assim, mas ela era a meio destrambelhadinha. Ela não era muito... certinha não. Era muito assim, sei lá, meio desorganizado e tudo. Eu dizia assim, esse pastor é um santo, gente. Porque cuidar de uma mulher dessa, eu vou dizer, é um santo. E ele era uma pessoa maravilhosa. O pastor Lourenço era um servo do Senhor mesmo. E tinha os filhos também, tinha uma menina chamada Cláudia, não sei se ela era casada até com um pastor, não sei se é na vereda, que ele é da vereda, chamada Cláudia, a mais nova. A mais nova. E tinha outros filhos dele, mas os outros filhos dele choraram tudo, bandeiraram. Não dava muita assistência na igreja, não, mas Cláudia permaneceu firme, era igual o pai.

HUGO - E essa, essa irmã que veio para a Escola Batista, essa outra missionária que veio trabalhar na escola...

BISA - Fez um grande trabalho aqui na igreja. Fez um grande trabalho. E assim, é...

HUGO - Ela veio da onde?

BISA - Veio de Recife, É, é veio de longe. Era pernambucana.

HUGO - E como é que era o trabalho dela?

BISA - Ela dava aula e evangelizava, evangelizava, fazia um evangelismo muito bom, trabalhava como evangelista. É missionária, né?

HUGO - E a igreja, como é que, gostava do trabalho dela?

BISA - Gostava demais, gostava demais

HUGO - Então ela esteve à frente também da escola da Escola Batista?

BISA - É, à frente da escola batista.

HUGO - Como que era o trabalho da escola?

BISA - Era primário, dava só primário, né?

HUGO - A senhora foi professora também né?

BISA - Fui, fui professora na escola Batista, eu dava aula também.

HUGO - Que bênção, que bênção.

BISA - Porque dividia turno, assim, eu dava de sete às dez e meia, aí outra entrava de dez e meia às doze, né? Dividia de turno, porque tinha primeiro, segundo, terceiro ano, quarto ano e até quinto ano. Naquele tempo tinha o quinto ano. Meu filho mesmo estudou na Escola Batista, fez a admissão em Posto da Mata. Meu segundo filho fez a admissão em Posto da Mata. Para entrar no ginásio. Era um grupo grande aqui.

HUGO - Então, a senhora também foi envolvida com isso.

BISA - E tinha muitas meninas da igreja que se tornaram missionárias. Tinha Neide Nolasco, José Ribeiro, pastor José Ribeiro. Não sei se você já ouviu falar do pastor José Ribeiro. Ele mora em Alqueim. Esse tempo ele esteve até aqui agora. Mas ele está meio... com Alzheimer, AVC, Ele não está muito ativo da mente, não. Ele disse o BISA eu vim aqui despedir de você, porque eu acho que não vem mais aqui, não. Eu disse que nada, José Ribeiro, você vem. Aí ele estudou na Escola Batista. E aí foi, pastor, foi pra Recife, estudou, fez o curso de missionário, e Neide também fez, teve também outra chamada Maria Rodrigues também, foi missionária.

HUGO - Então, a primeira igreja, então, tem algumas pessoas, algumas mulheres, principalmente, que se despontaram com o trabalho missionário.

BISA - Foi, foi, teve, Zelia, irmã do pastor Jailson, também .

HUGO - E, e eu percebi que a senhora se envolveu então com a educação, né? Como é que foi esse trabalho da senhora?

BISA - Me envolvi na educação. Naquela época, eu dava aula na Igreja Batista e dava aula no município, agora naquele tempo, a gente tinha aula de religião. Então, na escola do município, na época, me deram uma sala com 42 alunos, todos repetentes. De cinco anos. O que lia, não escrevia. O que escrevia, não lia. E os meninos, não era fácil, não. Ho moço mas foi difícil pra mim. Aí, a diretora, até a Cecília, era a diretora, coordenadora. Ela mora em Alcobaça, até hoje, mas ela tá bem velha. Aí, ela disse que ia dar um presente pra quem passasse todos os alunos, né? Mas só fez de boca esse presente. Eu disse, não, eu não penso no presente, não. Eu penso nas crianças, que eu gosto de dar aula, não dou aula por dinheiro, nem por nada, porque naquele tempo, pagava muito pouco. Não pagava férias, não pagava decimo terceiro, não pagava nada. Mas eu gostava de dar aula. Eu gostava das crianças demais. Aí, eu peguei essas crianças, moço. Um dia eu cheguei e ele disse ô mainha, o que é isso na sua perna aqui ó, na perna aqui? Uma roda assim, ó. Preta na cor de carvão. Não sei não, menina, não sei não. Aí eu fui ao médico, o médico até foi dar até aluno meu em Ibirapuã, Dr. Marlei. Ô, bisa, tá passando muita raiva? Eu disse ô Marlei eu não tô passando raiva, não. Eu tô enfrentando uma sala de aula com 42 alunos, tudo repetente, Tá difícil pra mim, tá difícil. Ô moço eu venci pelo poder de Deus. Porque eu entrava na sala de aula, primeiro eu lia a Bíblia, lia um salmo, cantava hinos, mais eles, todos saíram com quatro Salmos decorados, Salmo I, Salmo 100, Salmo 121 e Salmo 23. Eles aprenderam o Salmo, plantei a semente. Aí, naquela época, tinha a Joia de Cristo. As revistas das crianças chamava joia de Cristo, Então, vinha aquelas revistas que a Junta de Missões mandava e na Joia de Cristo tinha as histórias bíblicas. Bom, amanhã esqueci. Quer que eles vinham pra cá? Boa tarde a todos. É minha filha. Bom, ele me avisou, mas eu esqueci. Amanhã me avisou, mas eu esqueci.

HUGO - Então o material vinha da junta de missões Vinha da junta de missões?

BISA - Aí vinha as joias de Cristo Vinha, contava as histórias E vinha as personagens da história No final da revista Vinha os personagens da história Então eu riscava aqueles personagens Passavam no mimeógrafo e contava a história e dava para eles pintarem, Moisés E várias histórias da Bíblia Daniel na cova dos leões Aí contava as histórias E dava para eles pintarem né? Aí eles pintavam Aí eu orava com eles aí Quando eu peguei essa sala de 42 anos Antes de eu entrar na sala de aula Primeiro eu lia a Bíblia Eu orava com eles e cantava um corinho Do corinho Da história que eu contava Tinha o corinho, a história de Moisés A história de Daniel Tinha o corinho de Daniel Aí cantava para eles, eles gostavam, Eu cantava e todo mundo Eu ficava calmo, tranquilo Aí quando foi nessa sala de aula de 42 alunos Veio um aluno Aí chegou na porta e disse: Ô professora, O que é que é, Elias? Eu estou acostumada a bater em cara de professora, eu disse é mesmo, Elias, mas somente na minha tu não vai bater não, né? Falei assim, bem calma, mas na minha tu não vai bater não, né, Elias? Aí entrou pra dentro da sala e ficou, mas esse menino era desembestado viu. Aí moço saiu quebrando as borrachas dos colegas e quebrava lápis e os meninos ô professora ele quebrou meu lapís, ô professora ele quebrou minha borracha. Aí eu disse Meu Deus do céu, eu disse ô Elias não faz isso não, meu filho, não faz isso não. E a professora, onde ele ia, a professora expulsava da sala de aula, ninguém queria. Aí o pai dele veio, o irmão veio, aí disse assim, ô professora, esse menino tem Cosme e Damião, eu disse, como é que é? É, tem Cosme e Damião. Professora não aguenta ele, ele pode deixar ele comigo. Agora eu vou falar uma coisa para vocês, no dia que ele chegar em casa, fora do horário, vocês não batem nele, nem briguem com ele não, porque na hora que ele estiver aqui muito atarentado, eu vou mandar ele para casa, mas você não briga não. Mas eu não mandava, eu botava ele para sair e dizia, olha Elias, você fica no pátio aí. Hoje você não está afim de estudar, você fica aí no pátio, só brincando por aí, na hora que soltar as escolas, você vai embora para casa. Eu disse, tem alguma coisa acontecendo com esse menino. Ele vai dizer, como é que é a sua vida meu filho? Quem mora com você? Ele disse, é, minha mãe vive na cama, parálitica, não anda, e meu pai e meu irmão botam para fazer as coisas tudo dentro de casa. Aí eu descobri por que ele chegou com dois reais, aí na hora da merenda, ele fez isso, rasgou e jogou lá. Aí eu disse, por que rasgou o dinheiro? É, porque na hora que eu saía, eu pedia dinheiro, eu pedia o meu pai um dinheiro para comprar a merenda, ele me deu. Eu pedi o meu pai um dinheiro para a merenda, ele me deu, eu

peguei e peguei coloquei no bolso e saí. Aí ele disse assim, aí eu não quero mais também, não. Eu disse, mas você fez isso? Aí tinha merenda, mas às vezes não ia merendar. Aí eu ia lá pegar as merendas, dava a ele, passava a mão na cabeça dele, encarinhava ele. Aí teve um dia ele foi, saiu e ligou com os colegas. E pegou uma briga triste, a diretora foi, pegou ele assim para o traz, da camisa. E as unhas grandes, ele rasgou ele todo assim, e o sangue desceu. Aí ele enlouqueceu. Aí eu peguei ele, botei para dentro da sala de aula e disse, ô Elias, por que você fez isso, meu filho? A diretora não fez isso, porque ela quis não, ela fez isso, pode tirar você de cima do seu colega. Eu respeito a diretora, porque eu sou professora, e você não respeita. Você tem que respeitar a diretora, meu filho, e a professora. Por que você fez isso, meu filho, faz isso mais não. Aí eu levei tudo, fui lá, peguei a merenda dele, e fui sentar dentro da sala. Aí no outro dia o irmão chegou, todo alvoraçado, no vermelho. É, professora, eu vim aqui porque disse que a diretora tirou o sangue em Elias aí. Aí não, não foi assim não. Ela pegou ele para tirar do outro que estava brigando, e as unhas dela arranhou ele, mas não teve nada disso não. É, mas ele me falou que só um que deu apoio para ele foi a senhora. A senhora que deu apoio pra ele. Pois é, eu dei apoio pra ele, botei ele dentro da sala de aula e falei com ele pra não fazer mais aquilo e ele se acalmou. Ficou dois meses, aí depois de dois meses. Aí ele ia escrever, ele não escrevia, ele fazia assim, o caderno rasgava tudo, tudo, tudo. Ai eu disse é Elias, hoje você não tá afim de estudar mesmo, né? Pode sair, meu filho, não tem problema não, se vem no pátio aí. Não tem nada a ver com isso, não tá afim de estudar, né? Fazer o quê? Aí ele saía. Aí tem um dia que ele brigou com um colega, e quebrou a borracha do colega, e lá, com tudo de acho. Aí eu disse Elias, peça desculpa, seu colega. Não vou pedir desculpa não, que faz mal pedir desculpa. Ele diz, quem foi que disse isso pra você? É, faz mal pedir desculpa, eu não vou pedir desculpa não. Eu disse, é meu filho, eu sinto muito. Agora você, só que você não vai poder ficar dentro da sala de aula. Eu não vou mandar você ir embora não, você fica aí no pátio lá fora. No dia que você resolver pedir desculpa ao seu colega, você vai entrar na sala de aula. Você pode entrar, ficou três dias ele lá, aí com três dias ele foi na sala, até Nay na da igreja, que dava aula ao meu lado, aí disse ô professora eu quero pedir desculpa ao meu colega, eu quero entrar na sala, fala com a professora pra deixar eu entrar na sala. Aí a professora foi e falou, pode entrar Elias, que bom que você vai pedir desculpa ao seu colega, pode entrar tranquilo, aí ele foi pedir desculpa ao colega, Aí

começou, aí maneirou mais, aí começou a copiar o dever do quadro, começou a estudar, começou a modificar né? Aí depois que ele disse que ele fazia assim com ele em casa, aí eu disse assim, essa pobre criança não tem amor. Vai pra escola, as professoras rejeitam, bota pra fora, expulsa. O pai disse que tem Cosme e Damião, essa pobre da criança não tem amor, não tem carinho. Só falta de amor. O que ele tem pra ele é falta de amor. Aí dei todo carinho pra ele, dei amor para ele, com dois meses, ele pegou uma cartolinha azul, deu o negócio lá, toma aqui professora. Quando eu abri, tava um coração, ele desenhou um coração, e dentro do coração escreveu assim, eu te amo, professora, já pensou moço, eu disse, ô, Elias, que bom, eu também te amo, Elias, eu também te amo. eu te amo muito. Aí ficou, aí pronto, acabou o problema de Elias, Elias ficou bom, Aí Elias vinha aqui, trazia docinho de leite pra mim nos copinhos, doce de leite para mim, E terminou o ano com uma benção. Aí foi a segunda série que fizeram. Essa turma, 42, passou todo mundo lendo, escrevendo. Todo mundo queria minha sala. Aí o Nay foi quem tomou conta. Eu disse, ô Nair, tem problema de Elias, você olha desse jeito. Você dá amor da carinho pra ele, porque esse menino, a casa dele é muito trabalhosa, muito, dá muito trabalho pra ele, o povo não ama ele. E você dá amor da carinho, porque ele melhorou muito. Ele tá outro alívio. Aí estudou, ficou lá, e no final do ano, eu disse, e aí Nay? Um dos melhores alunos da sala, Bisa. Um dos melhores alunos da sala. Aí passou o tempo, passou o tempo, eu fui no FAÉ, na época que era União. Aí eu encontrei com ele, ah, rapazinho. Aí eu disse, ô Elisa, que bom, hein? Ele disse, ô professora, eu já fiz a oitava série. Eu disse, que bom, Elias, vai em frente, não para não. Também não vi mais, não sei. Eu sei que eu recupero. Eu recuperei o menino, né? Aí eu tava dizendo, gente, muitas vezes, as crianças, assim, aí a diretora disse, ô Bisa, tem que expulsar esse menino. Tem que expulsar esse menino. Não pode deixar ele na escola, tem que expulsar. Eu disse, não, dona Nilza, vou expulsar de jeito nenhum. Se eu expulsar esse menino, ele vai virar um marginal. E esse menino precisa de amor e de carinho, e eu não vou expulsar esse menino, não. Eu vou cuidar desse menino. Depois cuidei do menino e recuperei o menino, graças a Deus. Aí eu tava lendo um livro de Augusto Cury, a mesma história, mais ou menos. A mesma história de Elias aconteceu com ele. Ele disse que ia pra escola todo desandanhado, cabeça desandanhada, que a camisa abotoava cá em cima, a outra cá embaixo, pintava o sete. E ele se regenerou também. Ele era ateu, né? No final. Ele hoje é um grande escritor. Não sei se você já

leu algum livro de Augusto Cury. E ele se tornou cristão, né? Eu gosto muito de ler os livros de Augusto Cury. Aí aconteceu comigo com a Elias. Aí eu já falo com a professora hoje, você tem que dar amor e dar carinho, com os alunos de vocês. Porque a gente não sabe a vida dele em casa, como é que é. Não tem amor, não tem carinho, não tem amor de Deus, não tem nada. A gente ensina a amar a Deus. E a gente colocando Deus em primeiro lugar na vida, a gente vence todas as dificuldades da vida, né? Eu já venci tanta dificuldade na minha vida. Eu já andei para pôr deserto, já andei vale subir vale, desci vale e venci. Porque o meu marido não era cristão e às vezes bebia e fazia coisa errada, não me dava uma saia e eu aguentei firme. Eu pedia a Deus, pedia a Deus até que Deus se converteu e tornou cristão. E meus filhos é uma benção, meus filhos é uma benção. Tem três filhos, são três bênçãos. E eu cuidei aqui em casa 15 filhos dos outros. Quinze. Crente é um... Crente, o primo de crente, chamava Biro Biro, eu ficava aqui em casa e eu aconselhei muito o crente. Eles fazia um cado de coisas erradas na escola e eu aconselhava ele. Aí quando ele se formou em estudos sociais, ele me disse, o dona Bisa, é tudo que eu sou hoje, agradeço a senhora. A senhora é minha segunda mãe. Mandando o convite para mim.

HUGO - Agora sim, a gente percebe que faz a diferença, né? Principalmente muitas mulheres, a nossa força de muitas mulheres na história da igreja e na história da própria fé. Como é que era a participação dessas mulheres na vida da igreja? Principalmente nesse início.

BISA - Era bom, era tudo unido, a gente dirigia trabalho, a gente fazia trabalho evangelístico, ia para as fazendas a pé, o grupo todo a pé, tinha fazenda do pai de Zé Ribeiro, a gente ia para lá a pé, bem lá no final, bem lá no final, lá perto do Duque já. A gente ia, fazia trabalho evangélico lá, tinha Dona Francisca também, que era mais embaixo, a gente tinha trabalho, ponto de pregação lá na casa dela, fazia ponto de pregação, todo domingo à tarde a gente ia tudo para lá, fazia ponto de pregação lá. Tinha a Corina, a Corina veio de Caravelas, ela e toda a família, tinha Andri e Ronaldo, era, cantavam divinamente bem, era um dueto lindo eles dois. Um Deus já levou e o outro não. Um morreu em Vitoria da Conquista e o outro foi para o Belém, o senhor Andreino já foi, a Corina também já foi, mas eles eram de Caravelas, aí veio para

aqui, aí deu muita força para a gente. Eles compravam fazenda aí perto e a gente ia para a fazenda deles, todo final de semana, domingo, domingo à tarde, a gente ia para lá, dirigia culto, era bom demais, era.

HUGO - Então, assim, no começo da igreja tinha mais mulheres do que homens, né?

BISA - Era, era, é.

HUGO - A senhora lembra mais ou menos quantos foram os membros fundadores?

BISA - 22, né?

HUGO - Desses 22, tinham mais ou menos quantas mulheres?

BISA - Agora eu não sei. Acho que tem umas 10 mulheres. Porque tinha eu, tinha minha mãe, tinha minha sogra, tinha duas cunhadas. Depois teve outra cunhada que se converteu, mais outra cunhada que se converteu. Tinha Carmelita, tinha Marinalva, Dalvina. Pelo livro, mais ou menos a gente sabe que ele tem os nomes dos... Lembro tudo, já que ali eu tenho... Aquele livro tem o nome de todos os membros. E tem também o nome dos pastores que passou por aqui também. Porque às vezes eu esqueço, mas foi uma turma boa, A gente, o primeiro batismo foi aqui no correjo da Preguiça, onde o povo chama de charqueada, mas chamava o correjo da preguiça, esse correjo que desce aí, que é esgoto hoje chamava córrego charqueada, mas era córrego da preguiça. Aí tinha uma represa, represaram a água, então o primeiro batismo foi lá. Na ladeira, só vendo embaixo, assim, a gente teve o primeiro batismo.

HUGO - A senhora lembra desse primeiro batismo?

BISA - Foi, umas sete pessoas, que batizou, foi. Foi o pastor Lourenço que fez o batismo. Lourenço não. Quem que é Lourenço? Não, não é Lourenço, não. Foi o pastor Antônio Nascimento.

HUGO - A ideia dos pastores é de dar apoio. A ideia do espaço...

BISA - E quem pregou aqui... Quem pregou aqui na organização da igreja foi o pastor Grovira, ele era pastor de Ibirapuã. José Grovira, um grande pastor, ele tinha vontade louca de vir para aqui cuidar da igreja, mas ele pediu a junta de missões, um jipe, para ele vir, né? Tomar conta da igreja aqui, mas ele não conseguiu, não mandaram o jipe, ele não podia vir. Era difícil demais a condução para vir, não dava para vir, não. Aí a gente foi cuidar, é porque a gente pegou o Antônio Pinto. Aí é... que era mais perto. Mas ele pregou aqui na organização da igreja, foi ele que pregou pastor Antônio Grovira, Jesus já levou ele, a esposa. Engraçado, ele esteve aqui pouco tempo antes, veio aqui, aí procurando zizio, que era muito amigo dele, que era da igreja lá de Santo Antônio. Aí eu tava com uma febre tremendo, frio, tava todo enrolado de cobertas, tava igual aquele povo lá da Jamaica lá, de touca, de tudo, tudo assim. Aí ele disse assim, ô irmã, eu posso te abraçar? Eu disse, pode pastor, pode pastor. Ele me abraçou, disse, eu tô febril, tô com muito frio. Foi a despedida. Aí ele foi pra Vitória, não vi mais lá, Deus levou.

HUGO - Agora, assim, a senhora falando, eu vejo, eu fico tentando imaginar, né? Você já sentiu alguma dificuldade por ser mulher e estar nesse momento de começo da igreja?

BISA - Não. Não. Eu sentia todo apoio. Não tinha discriminação nenhuma. Não, a gente tinha todo apoio.

HUGO - Isso é muito bom, né?

BISA - E eu ganhei muita amizade da turma toda aqui, tinha o seu Beto, que é da casa Leuza, o seu Alcenor, da casa Barbosa, os filhos tudo pequenos. As meninas me chamavam de tia, que era vizinho da minha casa. Eu morava naquela casa da Quina ali, onde hoje era insinuante, antigamente. Hoje é um negócio de vender produtos lá na Batista, direto da Quina, primeira Quina ali. Tem a Casa Leusa lá de cima da Casa Leusa, foi ali, eu aluguei ali, que ali era um salão grande, era um bar. Não tinha casa pra alugar. Aí eu aluguei ali, só tinha um quarto, uma cozinha e um salãozão grande. Aí eu fiquei no salão, aí colocava as camas. Então o povo sentava pra os cultos nas camas ali. E aí depois que eu mudei dali pra casa pequena, foi pra casa da minha cunhada, que tinha sala maior. Mas eu comecei o trabalho ali, naquela quina ali, onde era Insinuante antigamente. É pertinho da Igreja Batista, na quina.

HUGO - Eu acho que hoje é a Mega lar eu acho.

BISA - É, é um negócio que vem de produtos de... R\$2,00, R\$3,00.

HUGO - É isso, isso acho que é Mega Lar. É isso, acho que é Mega Lar. Mas, gente, que história, hein?

BISA - Agora o que a gente sofreu muito aqui, foi na época que a gente veio pra aqui, meu sogro comprou fazenda aqui na beira do rio, e dava muita malária, ô moço deu uma febre que eu sofri de mais eu chorei demais aqui, porque quando adoecia todo mundo, pessoal dessa beira de rio ali, os meninos tudo, nos panacum, tudo inchado, pocado a inchação, pocado, e morria muita gente, morreu muita gente, e eu pedi, Graças a Deus que na minha família só o pai de Rogério que adoeceu, só o pai de Rogério adoeceu, o pai de Rogério ficou da grossura de um palito o pai do Rogério e tinha um rapaz também que trabalhava, que meu marido botou lá, assim, de nadadeira na beira do Rio, pra fazer manteiga e requeijão, essas coisas. E tinha esse rapaz que trabalhava lá. Aí, teve uma época, que ele falou assim, vamos tudo pra lá. Vamos tudo

pra lá, pra ficar na Bela do Rio. Aí foi, aí botou um couro de boi. Botou um couro de boi, aí a gente deitava todo mundo no couro. Aí meu filho, Sidônio esse dono da Rony hoje, ele dizia assim, é, mainha, eu nunca pensava que eu ia dormir no couro de boi. Eu disse ô, meu filho, mas a vida é assim mesmo. A vida é assim mesmo, tem que dormir no couro de boi. Aí fiquei oito dias. Com oito dias, eu comecei a sentir aquele cala frio, aquele cara frio. Aí ei disse ó, para trás, todo mundo. Aí arranhou um carro de boi e botou a gente tudo dentro aí vim para aqui, para Teixeira. Não fui, não fiquei na fazenda, não. Aí graças a Deus que ele não pegou a febre, né? Só quem pegou a febre foi o rapaz que trabalhava com ele e o menino, que é pai de Rogério. Ele tinha nove anos na época, chamava Moacir. E meus cunhados tudo pegaram, moço. Que moravam na fazenda. Eu pedi uma sobrinha com oito meses de nascida que pegou a febre, não resistiu a febre. Ô, moço, mas tremia, tremia, tremia, tremia, tremia, tremia, tremia. Quando terminava, passava tremura, podia pegar a roupa e torcer de suor. A malária é brava, viu? A cesão. Depois deu paratifo também, veio paratifo. Falo disso, paratifo e malária. Aí começou a abrir as matas e começou a diminuir a chuva, porque chovia aqui demais. Ai veio a ponte da malária veio e começou a bater, a detetizar, detetizar. Aí foi melhorando, melhorando, aí melhorou. Aí eu chorava, chorava. Aí o menino dizia, vamos embora daqui, aqui não vai pra frente, não. Isso aqui não vai pra frente. E eu dizia pro meu marido, que nada, Dunny, compra essa casa barata aí, moço. Compra uma casa que era, compra. Aí, não, não vou comprar não, porque aqui não vai pra frente, não. Aí depois foi e animou, começou a melhorar a situação, aí ele construiu essa casa aqui, em 72 ele construiu essa casa aqui. foi em 72, aí mudei para aqui em 72, aí ele botou um laticínio aqui, tinha laticínio, ele desnatava leite, fazia requeijão, manteiga, dividia, depois que veio um laticínio grande aqui para onde era charqueada, aí ele disse, é Bisa não vai dar não, tem um laticínio grande aí, comprando leite, comprando mais caro, e não vai dar para a gente não, aí ele fechou e foi para açougue, começou, ficou com açougue, aí foi uma luta medonha, uma luta medonha, mas não foi fácil não.

HUGO - Que luta né.

BISA - Aí depois começou a melhorar o município, teve o Romulo Galvão, organizaram o Romulo Galvão aí, já tinha ginásio, os meninos do ginásio, primeiro... Primeiro e segundo ano, que era primeiro e segundo grau, né? Hoje, o básico daquele tempo era uma formatura, tipo uma formatura, né? Era formar para professora, formar para contabilidade, essas coisas assim. Então, era lá que eu estudava no Romulo. Meu menino estudou lá, fez o terceiro ano básico lá, tudo lá. Vânia Sid e e, não, Vania e Edmilson, meu filho mais velho e Vânia. Não, meu filho mais velho e Vania não, meu filho mais velho de Vania e eu do meio, que é Sidônio. Edmilson fez o básico, que ele queria fazer em técnica agrícola, então foi para São Paulo. Fez lá em Itapetininga, fez lá, fez técnico agrícola lá. E Cid fez o básico aqui, fez contabilidade, Cid fez contabilidade.

HUGO - A senhora falou que aqui, no começo, só tinha a igreja católica, né?

BISA - Só tinha igreja católica. E era pequenininho, a igreja católica pequenininha ali na Praça dos Leões.

HUGO - Ah, era aqui no Leões mesmo, né? E como é que foi esse momento da chegada de outra igreja?

BISA - Não teve perseguição, não teve nada, o povo nunca nos perseguiu, não. Deus deu apoio, ia nos cultos, o Sr. Alcenor Barbosa ia, o Sr. Beto não ia muito não, mas o pai do Sr. Beto veio para ir, ia, o pai do Sr. Beto. Ele frequentava a igreja, o Sr. Alcenor Barbosa, quem mais frequentava era o Sr. Alcenor Barbosa. Frequentava a igreja. É pai de Nô, Nô Barbosa. É Cacá, que se converteu na Maranata. E foi que morreu há pouco tempo, né? Menino bom, aqueles meninos criam tudo com as minhas, tudo pequenininho. Era vizinho.

HUGO - Como é que a senhora vê, por exemplo, um trabalho que lá atrás, há 57 anos, a senhora ali começando do início e hoje vê tantas...

BISA - Ah moço, eu me sinto emocionada, no aniversário da igreja mesmo, eu fiquei emocionada quando eu vi aquela igreja tão linda e tem muitas filhas já, né? Muitas filhas, esparramadas aí. E eu fiquei emocionada, eu me sinto tão feliz e agradeço tanto a Deus por eu ter pegado aquela jornada e ver tanta gente. Eee só eu que tenho, das fundadoras, só eu. Minha cunhada tá nos Estados Unidos, a outra tá no Belém do Pará, e muitos outros já se foram Deus já levou.

HUGO - Então ainda tem algumas pessoas vivas, né?

BISA - Tem, tem. Tem senhor Eurélis, que mora em Itapetinga. Depois pegou firme também comigo. pegou firme comigo. Ele era diácono da igreja, pegou firme. E depois veio a Arruda, Antônio Arruda, veio de Nanuque, também deu muito apoio a gente, pregava e tudo, Antônio Arruda, esposo de Marilda. Não sei se tu conheceu ou não. Ele morreu agora da Covid, moço, de repente, pegou a Covid e morreu, mas o sentimento que eu tive foi de Antônio Arruda, da nossa igreja, trabalhou muito na nossa igreja.

HUGO - Então ali a igreja começou praticamente na família da senhora, né?

BISA - Foi, foi. Família. Meu sogro, Joaquim José de Almeida, meu sogro, minha sogra, minha mãe, eu e duas cunhadas, e tinha um cunhado também, mas esse cunhado não frequentava muito, muito não. E tinha duas pessoas também que veio trabalhar aqui, que era Carmelita e Marinalva, que era filha dela. E teve Enedina, é o Enedino e Dalvina também. Mas depois eles se desviaram, saíram e não ficou na igreja. Mas quem permaneceu firme foi essas cinco pessoas, até o final. Joaquim Almeida, Sofia Eugênia, Laurinda Rodrigo, que era minha mãe, Teolina Ramalho e Celice, que é minha prima. Celice era minha prima, casada com o irmão do meu marido, aí foi para Belem, E o tempo passado ela esteve até aqui agora. Agora ela é adventista.

HUGO - Eu vi pela live, eu vi a senhora lá no aniversário, recitando um poema, não é isso?

BISA - Esse sim, recitei uma poesia, aquela poesia, moço, eu decorei na minha adolescência, e ficou gravada, que eu não esqueci, nunca esqueci. Porque ele decorava muito na adolescência. E era tudo decorado, naquele tempo era tudo decorado, era na decoreba mesmo. As dramatizações da igreja Tudo decorada Cada dramatização que fazia no Natal Cada uma mais linda que a outra, no tempo de pastor Brandão E Ana Maria Fazia cada programação com Jocenita Fazia cada programação linda na igreja o povo, gostava demais e super lotava a igreja. É, gostava muito.

HUGO - E as esposas dos pastores, né, dessa trajetória aí, geralmente vem um pastor e vem a esposa né.

BISA - Ana Maria de Pastor Brandão era uma pessoa maravilhosa, Ana Maria, todas eram gente boa. A de pastor Eliéser era, tocava acordeão, não tocava acordeão não, tocava órgão, tocava órgão. Ana Maria era ministra de música e a esposa do Pastor Eliéser também. Trabalhavam muito na igreja, tudo era muito integrado na igreja, a esposa dos pastores. Muito integrado da União de feminina, missionárias, tudo.

HUGO - União?

BISA - União feminina, missionária. União feminina.

HUGO - Uma área da igreja que trabalha...

BISA - É, que trabalha até hoje, é.

HUGO - Vez em outra eu vejo alguma coisa também sobre... Não sei se, eee chá de mães, mães de oração, alguma coisa assim...

BISA - É são mães intercessoras, as mães intercessoras. É, que se uniu com a MCA. MCM, que é a Sociedade Feminina Missionária. Então, o culto de segunda-feira estão reunindo todas juntas. Porque estava fazendo separado, fazia de tarde, mas dava pouca gente, muita gente trabalhava, não podia vir e tal. Então, aí, integrou todo mundo na segunda-feira. Na segunda-feira tem o culto de oração, das mães intercessoras e da sociedade feminina.

HUGO - Quer falar alguma coisa Adriel?

ADRIEL - Não, obrigado.

BISA - E aqui, quando começou, era aqui aqui, era assim, só tinha uma rua, só tinha uma ruazinha ali, aquela principal rua, só tinha uma casa de adobo, aquela casa ali onde é hoje a ótica, que era a casa de seu Neelito Cardoso, era ótica ali, onde é ótica. Só tinha aquela casa coberta de telha e de tijolos. As outras todas eram de taipa, coberta de tabuinha. Ô moço, eu morei numa casa coberta de tabuinha, quando a chuva vinha lá em cima, já estava tudo molhado dentro de casa. Era tristeza. Tudo de taipa, as casinhas dentro. E era sofrimento aqui, sofrimento. Verdura, não tinha verdura, o povo parece que não plantava nada aqui, parece que morava no lajedo. Não plantava nada. Depois que a gente chegou, começou a plantar as coisas, que deu. A terra boa, boa, boa, verdura, banana, tudo. Não tinha nada. Aí, esse seu Manelito, Cardoso, veio pra aqui também e disse assim, é, aqui a gente só come cortado de mamão. Eu não aguento mais comer cortado de mamão verde. Porque não se acha uma verdura, não se acha nada. Era cortado de mamão verde a verdura, não tinha nada. Leite, o pai do Rogério, de 9 anos de idade tadinho, ia lá embaixo da beira do rio buscar leite para os meus meninos, e meu marido desnatava leite lá, tinha

fazenda para lá, ia buscar lá. Era sofrimento demais, aqui não tinha nada, era difícil, remédio, só tinha seu gerônimo, aqui tinha uma farmacinha, aqui a gente comprava resalfina, ararém, para dar para a febre. E permissivicina vitaminada, era o remédio que dava, a gente comprava nessa farmácia aqui, porque só tinha Medeiros Neto e Nanuque. Ô moço o período que a igreja estava organizada, eu dei uma dor no estômago, parecia que eu ia morrer, era tão triste a dor que eu caía e enrolava no chão. Aí me levaram para Medeiros Neto, que aí Medeiros Neto me deu injeção, eu melhorei, minha cunhada, eu falei, eu estou melhor, aí passou umas primas minhas, e disse o Bisa, nós vamos para Nanuque, por que você não vai para Nanuque com a gente? Eu disse, não, eu melhorei, aliviou a dor, graças a Deus, com a injeção aliviou a dor. Depois de uns 10 minutos que as meninas saíram, a dor voltou. Aí eu tive que pegar um ônibus, Catanica, para ir para Nanuque. Eu chorava dentro desse ônibus, de dor. Aí fui para o hospital, não era o Dr. Rafael ainda não, era outro. Aí fiquei 10 dias internada lá, e o povo aqui de joelho no chão orando por mim, e Deus me recuperou. Aí com 10 dias que o médico descobriu o remédio que aliviou a dor do estômago. Foi colantil, chamava colantil, É parecia que o meu estômago estava ferido. Parecia que o meu estômago estava ferido, nem água eu podia beber. Se eu bebesse um gole de água, parecia que era álcool, porque eu bebia e caía em cima da ferida, eu enlouquecia de dor. E o pessoal orando, orando, clamando ao Senhor, Deus me curou, graças a Deus. Aí eu voltei e vim para casa. Aí começou o trabalho. Então, teve uma época também que ficou duas semanas fechada a igreja, por causa da febre, porque se estava bom, estava cuidando do doente. Muita gente caiu, adoeceu, muita gente, e a gente cuidando de todo mundo, não podia nem ir para a igreja. Aí, todo mundo nas casas, orando nas casas, pedindo a Deus para melhorar essa ação. Com 15 dias depois, recuperou todo mundo e voltou para a igreja, aí começou o trabalho.

HUGO - Agora, a senhora não ficava com medo, não? Por exemplo, para as fazendas e tal...

BISA - Não, tinha não, a gente ia pedir a Deus força e tinha fé e confiava em Deus e dizia assim, Deus não vai, Deus vai livrar a gente. A gente ia lá e voltava e graças a Deus eu não peguei a febre, meu marido não pegou a febre, meus meninos nenhum

pegou, graças a Deus. Aí teve um cado de cunhado meu que pegou e ficou ruim, viu? E era assim, pegava a febre, ia pra Nanuque, tomava os remédios e melhorava. Três, quatro, cinco meses, seis meses, bom. Daí a pouco, olha a febre novamente. Diz que ficava acumulado no fígado, a febre. Aí eu voltava pra o hospital, voltava pra remédio. Até que Deus abençoe, depois de um ano em diante, aí começou a melhorar, graças a Deus. E o pai desse aí... Ficou só o coro e o osso. Tremendo, tremendo, tremendo, tinha pena. Aí eu disse, meu Deus, o que é que eu faço? Vomitar, vomitar, vomitar. Meu Deus, o que é que eu faço, meu Pai do Céu? Esse menino bebe remédio, o que é que faz? Meu Deus, vai morrer, meu Jesus. Aí eu disse, Senhor, só Tu. Tu é o médico dos médicos e agora que Tu vai me ajudar. Ajoelhei na beira da cama e clamei ao Senhor, e disse meu Deus, foi da Tua vontade, para o amor do Teu nome. Faz com que Moaçir toma esse remédio normalmente, e derrama tuas bênçãos nesse remédio, para ele melhorar. Aí, levantei do chão, dei o remédio ele não vomitou dormiu a noite toda. Foi de manhã, ele saiu de casa, vim pelas paredes, assim, ó, igual um palitinho. Nunca mais ele teve a febre. Os outros, tudo que ia para o médico, voltava a febre. Voltava com seis meses, com um ano, toda a febre. Voltava e ele nunca mais teve febre. Está com 68 anos. Não teve mais a febre, mora em São Paulo. É pai de Rogério mais Moaçir. Deus curou, moço. E tem o sobrinho dele, que é Cauã, que é filho adotivo de Vaninha. Adoeceu aqui também. Uma doença que dá na garganta, dá na boca. Apodreceu toda a boca. Os dentes, cobriu de pus e de tudo. Ninguém via dente, não, dava uma lastima. Ô, moço, me levou sete dias chorando. Eu fui em dois médicos. Quanto mais dava o remédio dos médicos, mais piorava a situação. Porque ele tinha alergia a corantes, e os remédios tinham corantes. Dava pra ele melhorar, piorava. O bichinho não comia, não bebia. Pra beber água, a gente pegava seringa, abria a boca e botava lá na goela e fazia assim com a seringa, pra molhar a garganta, pra não ficar assim com a garganta. O pai estava operado, operou, veio de São Paulo, operou das veias, das varizes, estava na cama. Chorava o pai, chorava eu, chorava meu marido, chorava a Vânia. Vocês já sabem o que fazia com o Cauã. E ficava chorando, chorando. Aí teve um dia... Uma hora da manhã, eu estava aqui nessa área ali. Com ele nas costas, ele chorando, chorando. Ficou, meu Deus, tem misericórdia, de tua serva, eu não estou aguentando mais, eu estou com medo dessa criança, meu Deus. Como é que fica sem comer e sem beber? Desse jeito, meu Jesus Cristo do céu. Aí Vânia veio de lá pra cá e disse, o que é, mamãinha? Mãinha, o que está

acontecendo? Eu acho que o Cauã vai morrer, ele não vai aguentar, não. Porque está chorando direto, não come, não bebe, nem nada. O que é que faz, Vâzinha? Aí ela disse, ô, Mãinha, em nome de Jesus, o Cauã vai ser curado. Eu digo, e vai mesmo, Vâzinha, e vai mesmo. Vai pra tua casa, bate o joelho no chão, clama ao Senhor, que eu vou fazer a mesma coisa. Aí eu entrei pra dentro do quarto, bati o joelho no chão, peguei ele, botei na cama, junto do pai. O pai lá chorando, botei junto do pai e disse assim, agora eu vou pra Cristo. Aí, Senhor, para a honra e a glória do teu nome, Pai. Põe a honra e a glória do teu nome. Cura essa criança, porque tua serva não está aguentando ver mais tanto sofrimento, meu Jesus Cristo. E para a honra e a glória do teu nome, eu sei que tu é o médico dos médicos, tú vai curar. Aí terminei de orar, levantei e já estava deitadinho. Aí eu fui, deitei, ô moça, eu apaguei, apaguei, então foi seis e meia da manhã para sete horas, eu levantei, aí cheguei na cama, eu disse, vovó, eu quero um pãozinho com leite, eu digo, abre a boca aí, meu filho, abre a boca aí, deixa eu ver, abre a boca, sarado, tudo sarado, ô Jesus maravilhoso, ô Jesus maravilhoso, aí ele vinha, botei o leitinho com pão e comeu, aí ficou, aí ficou oito dias, o braço preto da cor de carvão, aí eu liguei para o médico, o médico disse, não, é doença que desceu para o intestino, pode dar suco, comida, o que ele quiser, pode dando, que é para limpar o intestino, aí com oito dias ele estava curado, a honra e glória do nome de Deus, olha que Deus maravilhoso, só depende de quê? De fé, porque sem fé é impossível agradar a Deus, se a gente tiver fé e pedir com fé, Deus faz a obra, e a gente tem que pedir se for da vontade de Deus, porque nossa vontade, a gente não sabe, né? O segredo de Deus a gente não sabe, e nem pode mandar ele fazer o que a gente não sabe que é bom para a gente, A gente tem que falar né? Eu pedi, se for a tua vontade, Senhor, para a honra e glória do seu nome cura essa criança. E Deus curou. Amanheceu curada, amanheceu curada curada.

HUGO - A trajetória, a trajetória da senhora está na hora de fé, né?

BISA - Muita fé. Aí eu tenho uma menina aí que é minha sobrinha. Aí ela teve uma doença medonha, focada no rosto todo, uma coisa triste, ela tomou remédio, deu uma alergia brava, aí veio para o Sobrasa aí, eu disse, meu Deus do céu, uma lástima, eu nunca vi uma coisa daquela. Tenha fé em Deus minha filha confia em Deus, confia

em Deus que você vai ficar curada. Graças a Deus que ficou curada. Aí tem um tempo aí que o irmão dela operou do coração, cortou a perna, tirou as veias, botou umas três safena. Aí eu disse assim, olha, não se preocupe, você deixa Deus no controle, confia em Deus, que Ele é o médico dos médicos. Deixa Deus no controle que tudo vai se resolver. Graças a Deus está bom hoje. Para a glória de Deus.

ADRIEL - Chegamos ao fim deste episódio de Vozes e Tradições de Teixeira de Freitas. Esperamos que vocês tenham aproveitado essa viagem pela história da chegada da PIBATEF à nossa cidade, contada pela incrível Irmã Bisa. Agradecemos a todos os ouvintes por acompanharem e um agradecimento especial à convidada por compartilhar suas memórias valiosas conosco. Não se esqueça de curtir o episódio e até a próxima. Saudações Unebianas. Desejamos a todos um ótimo Natal e um feliz Ano Novo.

ANEXO B – Transcrição do Quadro Memorial Cinquentenário PIBATEF

Memorial do cinquentenário - 2017

Primeira Igreja Batista de Teixeira de Freitas

O processo histórico que marcou a criação da primeira Igreja Batista de Teixeira de Freitas deve ser compreendido a partir da conjugação entre o desenvolvimento desse município e a contribuição mais que relevante dos seus fundadores. O esforço e dedicação por parte daqueles que foram os primeiros membros da PIBATEF merecem a nossa profunda e ampla gratidão uma vez que foram eles os grandes responsáveis pelos primeiros passos dessa igreja que hoje caminha numa perspectiva de crescimento imensurável. Muitos foram os desafios e entraves para a construção do trabalho Batista em Teixeira de Freitas que se encontra na condição de distrito subordinado jurídico e politicamente aos municípios de Caravelas e Alcobaça durante a década de 60 o povoado de Teixeira de Freitas continuava recebendo um número expressivo de imigrantes e justamente Entre esses transmigrados que chegaram aqueles que seriam os pioneiros e fundadores da Primeira Igreja Evangélica Batista em Teixeira de Freitas. Assim para compreender o processo histórico desse município é fundamental entrelaçar com a própria história da Primeira Igreja Batista uma vez que seus primeiros membros e fundadores constituem-se sujeitos ativos do processo de formação da sociedade que compõem a população atual do município em 1963 11 evangélicos migrantes do município de Ibirapuã chegaram ao distrito de Teixeira de Freitas e deram início ao trabalho evangélico Batista nesse povoado iniciaram contato com Eurides Domingues de Oliveira primeiro Batista oficialmente registrado em Teixeira de Freitas e a partir de Então dona Lelita Rodrigues de Almeida abre sua residência iniciando a missão dos Batistas nessa localidade. As primeiras reuniões Contavam com o número de 16 membros sendo eles 12 Batistas três Adventistas e uma assembleiano. Esses cristãos reunidos buscavam realizar Os cultos alicerçados nos princípios e orientações cristãs através da adoração e ministração da palavra de Deus ponto em 1964 os Batistas passaram a ter um espaço próprio um salão localizado no centro do distrito que foram construído por Joaquim José de Almeida ou adquirindo assim sua própria sede construíram naquele local a primeira congregação Batista: um salão De aproximadamente 40 membros com uma dimensão de mais ou

menos 70 metros quadrados. A igreja crescia e seus membros alimentavam a esperança que no futuro obtivessem um templo mais amplo um lugar onde pudessem acomodar um número expressivo de membros e de fiéis acompanhando o crescimento demográfico do então distrito de Teixeira de Freitas estado de passagem pelo povoado em 1965 o pastor Davi Goes diretor da junta de Missões Nacionais autorizou Eurides a procurar uma área para construção de um templo Batista. Naquele mesmo ano foi realizado a compra do terreno que pertencia a Manoel de Etelvino a área adquirido corresponde ao atual endereço da Primeira Igreja Batista de Teixeira de Freitas localizado na Rua João Calmon 70 centro em 1967 tem-se a construção do primeiro templo da PIBATEF. Nesse mesmo período precisamente no dia 17 de outubro de 1967 foi realizado a sessão que determinou a organização da Primeira Igreja Batista de Teixeira de Freitas sendo a mesma organizada pelo pastor missionário Antônio Pinto da Cruz após a organização da igreja seus primeiros membros procuraram estruturar-se em todas as dimensões com a finalidade de proclamar as boas novas na comunidade e localidade circunvizinhos sem medida esforços os cristãos da PIBATEF realizaram o mais amplo projeto de expansão do Evangelho no baixo sul da Bahia alcançando comunidades povoados e municípios em toda região em seu Cinquentenário a PIBATEF constitui uma igreja que visa promover crescimento espiritual de seus membros possuem um firme propósito de busca uma intimidade íntima relação com Deus construir vínculos junto à comunidade por intermédio de projeto sociais conhecer o verdadeiro evangelho e propaga-lo aqueles que não conhecem neste Cinquentenário o aspecto mais relevante da história da Primeira Igreja Batista exige no papel em que ela vem desempenhando na dimensão na disseminação do Evangelho de Jesus Cristo ao mundo.

Paulo César Pereira de Jesus historiador

Da organização em 1967 a comemoração do cinquentenário a PIBATEF esteve sobre a liderança pastoral os seguintes obreiros: Antônio Pinto da Cruz 1967 Francisco Lourenço de Aguiar 1968-1974 João Batista Sales Brandão 1974-1979 Pedro Santana Neto 1979-1982/1889-1994 Eliezer Rodrigues de Oliveira 1982-1986 Nidoval Pontes Gadelha 1987-1989 Vailton Lula de Carvalho 1999-1997 Salvador Alves de Aguiar 1997-2008 Oséias Silva dos Santos 2008 traço...